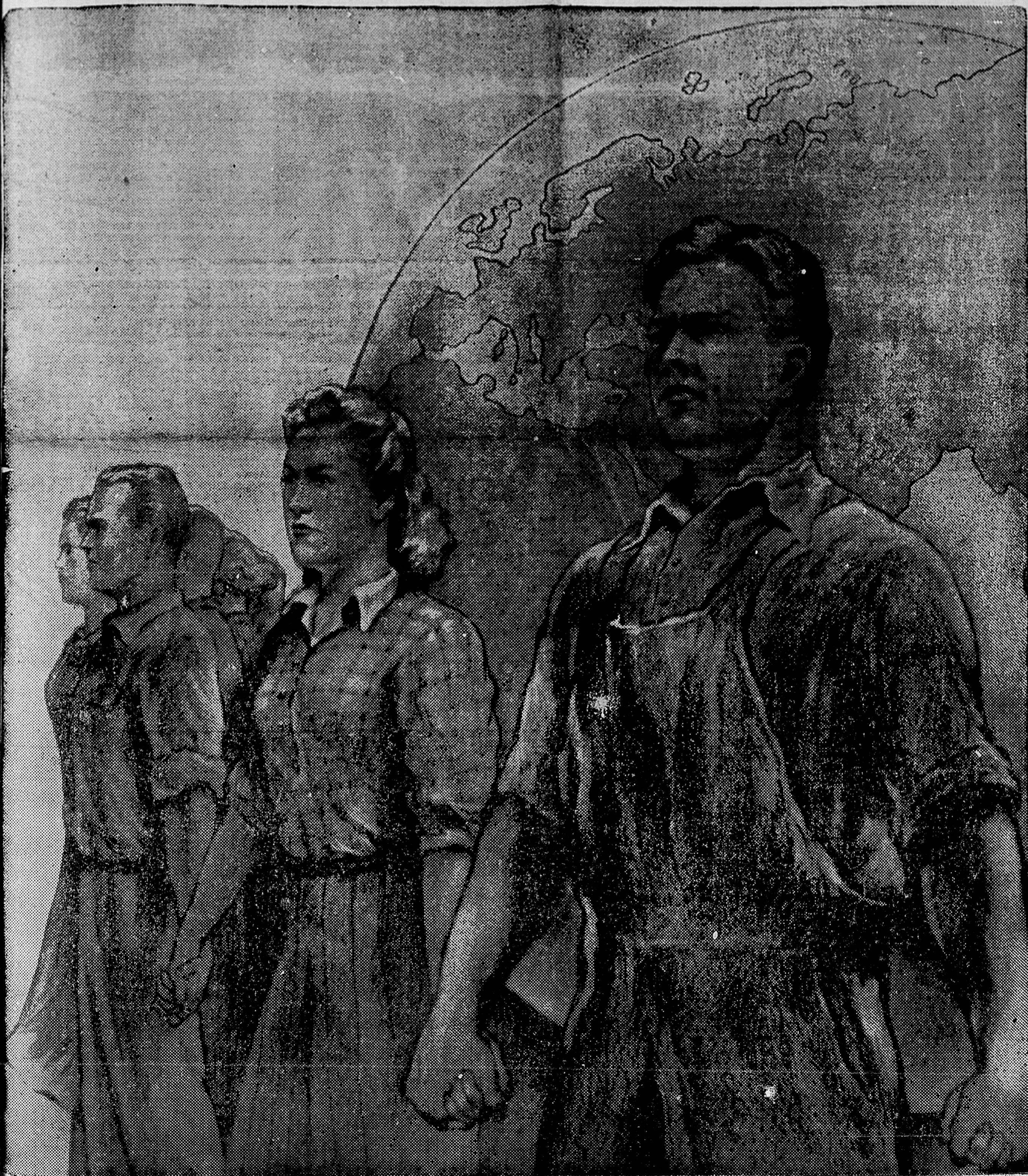


MAIO MÊS DO PACTO DE PAZ ENTRE OS CINCO GRANDES

VOZ OPERÁRIA

Nº 20 DE 10 DE JANEIRO, 9-5-1953



Não tremulará no Brasil a bandeira americana!

DESRESPEITANDO cinica e despididamente a vontade da maioria esmagadora do povo brasileiro, o Senado promulgou o infame Acôrdo Militar firmado pelo governo de Getúlio Vargas com o governo americano. É mais um passo deste regime de latifundiários e grandes capitalistas no caminho tenebroso da guerra, da transformação completa e aberta do Brasil em colônia americana para fornecer aos milionários de Wall Street soldados, matérias primas quase de graça, mão-de-obra escrava.

Na maioria servil que votou a favor do Acôrdo, tanto na Câmara como no Senado, estão deputados e senadores de todos os partidos burgueses, tanto dos partidos do bando governista como dos da chamada oposição. Desmascaram-se, portanto, os círculos dirigentes de todos os partidos das classes dominantes como lacaios dos americanos. E se comprova uma vez mais que a minoria dominante desligou-se da nação, não representa os interesses nacionais e sim os interesses dos monopólios ianques.

Estabeleceu-se com nitidez a separação entre as forças patrióticas e democráticas e a camarilha vendepátria, separação que um ano de lutas contra o Acôrdo acentuou claramente. De um lado, o governo de Getúlio com seus tubarões e negociatas, os 175 judeus da Câmara e do Senado, os latifundiários e capitalistas sócios dos americanos. Do outro lado, o povo brasileiro que exigiu nas ruas a rejeição do Acôrdo, em comícios e passeatas, em centenas de milhares de assinaturas enviadas à Câmara e ao Senado, dezenas de Câmaras Estaduais e Municipais, assembleias de milhares nos sindicatos, organizações populares e patrióticas, congressos de jovens, de mulheres, das entidades representativas de milhões de pessoas simples que se manifestaram pela paz, pela cessação da guerra na Coreia, contra o envio de tropas brasileiras para o exterior.

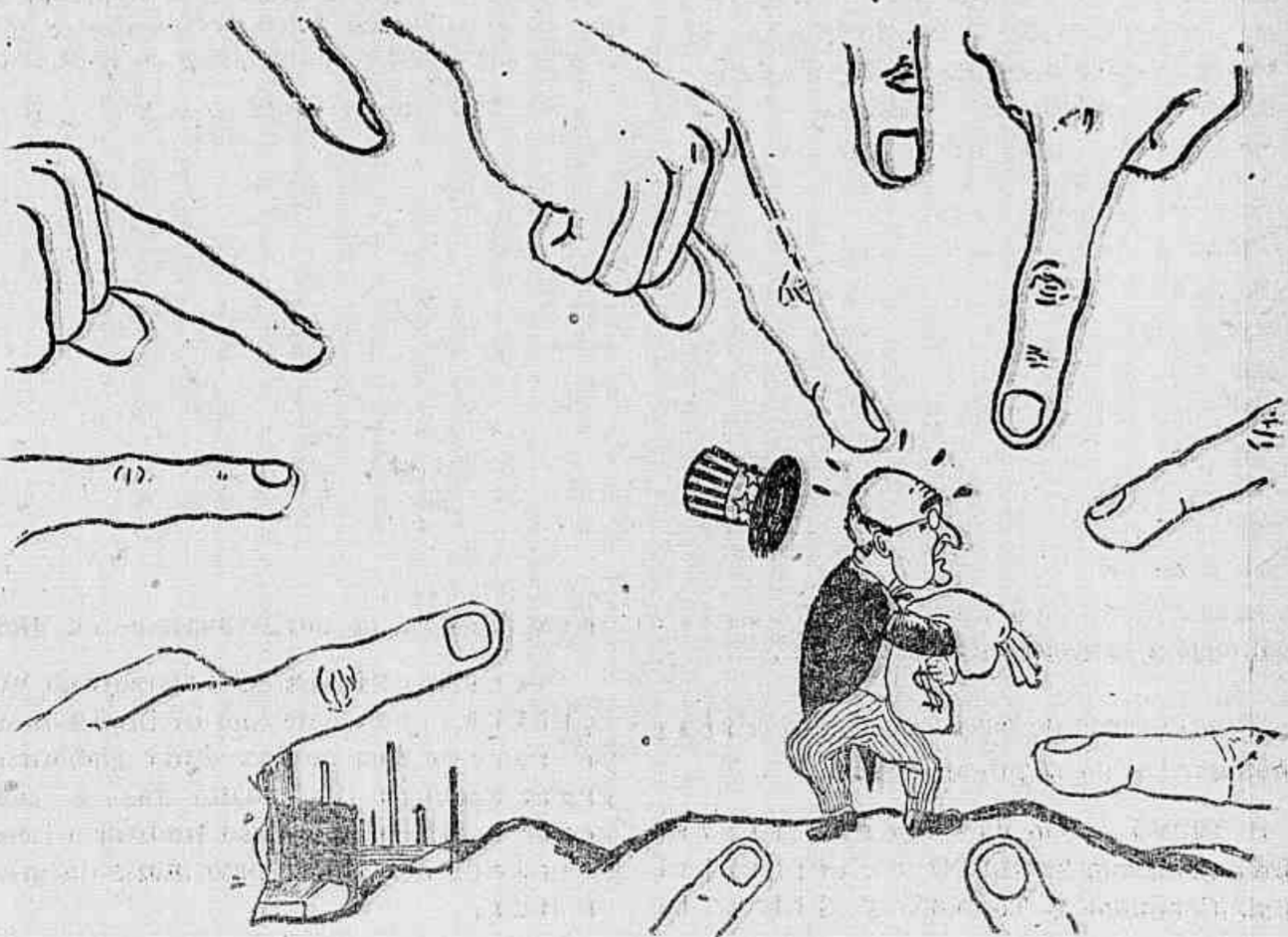
O grande Prestes estigmatizou o Acôrdo como «grave ameaça ao futuro da nação». O ex-presidente e ex-deputado, sr. Artur Bernardes, condenou-o como «altamente lesivo ao nosso país e humilhante». O deputado Lima Figueiredo assinalou que, nesse Acôrdo, o Brasil recebe dos Estados Unidos «tratamento de país soberano para país vassalo». No mesmo tom e com palavras igualmente candentes, se pronunciaram centenas de personalidades em todo o país.

Equivocam-se, pois, os traidores se pensam que a luta terminou com a promulgação do Acôrdo. A frente única patriótica que se forjou na luta contra o pacto da traição agora pode crescer mais ainda e tornar-se cada vez mais pujante na luta para impedir-lhe a execução e impedir sua anulação. Ante a ameaça ainda mais séria e grave de colonização e escravização de nossa pátria é possível e indispensável abrir os olhos de milhões de brasileiros que ainda não tinham sido suficientemente alertados e por isso ainda não despertaram diante do perigo.

Com efeito, a aplicação do Acôrdo implica em medidas odiosas e intoleráveis às quais nosso povo há de responder com sagrada ira patriótica. Cada tentativa de aplicar o Acôrdo há de levantar uma resistência cada vez maior dos brasileiros. O ambiente se tornará irrespirável para os soldados americanos em nosso solo, crescerá a luta contra a entrega do petróleo e dos nossos minérios, há de intensificar-se sem cessar a resistência contra a militarização do país e agigantar-se o movimento popular contra a carestia agravada pela política de guerra. O povo não permitirá a aplicação desse tratado monstruoso, reduzindo-o a françalhos dum miserável farrapo de papel.

A bandeira dos piratas e bandidos ianques não tremulará em nossa terra. Será mantida bem alta a bandeira do Brasil pelas mãos poderosas do povo que faná o Acôrdo em pedaços e varrerá esse governo de traidores e lacaios dos americanos.

O ACUSADO



Getúlio esconde o dinheiro com que vende o Brasil

★ Voz dos LEITORES ★

Vitória dos operários de Ribeirão Preto

OS operários desta cidade junto com todo o povo continuaram a luta contra a carestia, por aumento de salários e combatendo a política de guerra e fome do governo de Getúlio, Garcez e do prefeito tenente-coronel Alfredo Canaleias Filho.

Do movimento de 5 de março, quando o povo daqui saiu à rua para protestar contra a carestia, o Acôrdo Militar, contra a ida de soldados para a Coreia e, por aumento de salários, os trabalhadores extraíram muitas experiências sendo que os operários da Matarazzo começaram a organizar-se por conseguir aumento de salários. Era voz geral em todas as seções e turmas da fábrica Matarazzo que a coisa não terminaria aí.

Com a greve dos bravos operários da capital de São Paulo, com os têxteis e metalúrgicos à frente, os operários da Matarazzo começaram a se preparar mais febrilmente para não se deixarem iludir com o mísero aumento de 10 por cento proposto pela direção da empresa. Os 3.500 têxteis exigiam o mesmo aumento concedido para a Capital, pois, o custo de vida em Ribeirão Preto é tão alto quanto o de São Paulo.

O jornal da empresa, «Marmiteiro», levantou a palavra de ordem de greve e ensinou como lutar pelas reivindicações. Foi um alvoroço quando surgiu o «Marmiteiro» na fábrica, que era disputado pelos operários.

A Matarazzo, como sempre, roubou nos salários-prêmios. Em vista disso, a seção de cartas declarou-se

NOSSA CAPA:

«PELA PAZ!»
Notável desenho do artista soviético A. ZHITOMIRSKI

em greve durante meia hora. Um dos diretores, o tal Jordão Sala ameaçou os operários, começou a ameaçar eles mas estes não tiveram medo do fascista. Os mestres e contramestres da seção apoiaram o movimento e disseram a seu Sala que de fato os operários estavam sendo roubados no salário-produção.

Os operários redobram em sua decisão de conquistar aumento. Certa manhã a fábrica apareceu cheia de boletins dizendo que era preciso lutar porque o aumento não cairia do céu, que os patrões estavam declarando que o aumento só seria concedido em S. Paulo. Então, a palavra de greve se alastrou. Os tiras queriam saber quem distribuía os boletins, mas ninguém teve medo deles.

Diante disso, a gerência chamou os contra-mestres e os avisou que o aumento concedido em S. Paulo seria concedido aqui. Entretanto, os operários nada viam de concreto e marcaram o dia da greve. Ante a decisão dos trabalhadores, a Gerência mandou afixar um Aviso em todas as seções anunciando um aumento geral de 32 por cento.

Vitória dos operários da Fiação e Tecelagem Matarazzo, pois, se não fosse a luta firme e a palavra de ordem de greve, o aumento não viria. Hoje, todos fizeram suas cartas, e no dia 10 de maio, dia do pagamento, não vieram os 32 por cento, a greve será declarada. Vitória, também, da luta operária em Ribeirão Preto, enquanto outros setores como o de bebidas exigem aumento de salários e os ferroviários da Mogiana lutam pela conquista dos 4 meses de salários atrasados.

Do correspondente — Ribeirão Preto, 24-4-1953.

Prisão arbitrária de um patriota

Dia 5 de março de 1953! Este foi o dia mais triste para a classe operária do mundo inteiro. Porque estamos de luto, luto tão pesado e com as pragas feridas por havermos perdido o guia e mestre genial dos povos Iósif Vissarionóvitch Stálin, que, como estrela, iluminava o caminho para o progresso e a Paz.

Mas, não morreste, camarada Stálin. Tu viverás eternamente em nossos corações e, juramos, camarada Stálin, esguer bem alto a tua bandeira, que é a bandeira da Paz. Juramos, camarada Stálin, que lutare-

Contra a carestia o povo de Campos do Jordão

O preço dos gêneros de primeira necessidade aqui em Campos do Jordão está ultrapassando cada vez mais as mínguas possibilidades dos trabalhadores. O arroz está a 18,20 o quilo, a carne de 22 a 25 cruzeiros; um pé de alface nada menos de 5 cruzeiros; o tomate custa 10 cruzeiros o quilo e os ovos atingiram o absurdo preço de 30 cruzeiros a dúzia. Enquanto tudo encarece, os salários permanecem baixíssimos.

Das pessoas que procuram a cidade por necessitarem dos benefícios do seu clima, somente os ricos podem permanecer o tempo suficiente para a cura.

Foi este estado de coisas que levou um grupo de operários e personalidades políticas do relêvo, dentre as quais os vereadores Mauro Torres Mendes e Luiz R. do Vale, a promoverem um ato público de protesto contra a carestia que se realizaria na sede de um clube de futebol local em 1.º de março. O ato contava com o apoio do sr. Correia Cintra, presidente da Câmara Municipal.

Entretanto, no dia programado o delegado de polícia mandou ocupar as imediações do clube por policiais vindos de São Paulo, com o que teve de ser transferido o ato. Transferido, apenas, porque o povo e os trabalhadores de Campos do Jordão estão mais decididos do que nunca a organizar grandes manifestações contra a alta dos preços.

(A.) Paulo Carvalho — 14-4-53.

mos por defender a tua grande causa que é a da libertação dos povos oprimidos. Tu, camarada Stálin, mostraste o caminho para nós, as mulheres, conquistarmos igualdade de direitos. Deste às mulheres soviéticas direitos iguais aos dos homens. Hoje na União Soviética as mulheres não sofrem humilhações, nem miséria, nem desemprego. Não morreste, Stálin! Avencas estás dormindo um sono tranquilo e puro sem remorsos, pois, fizeste tantas obras em benefício da humanidade: defendeste o mundo das garras dos bandidos nazistas, foste o porta-bandeira da Paz, indicaste aos povos o caminho da felicidade.

Glória eterna ao camarada Stálin, nosso mestre, guia e pai.

Anastácia Cammer — Getúlio Vargas (R. G. S.), 6-3-53.

Vitoriosa a greve dos camponeses

Na Fazenda Guaracá, do dr. Artur Ramos, os apañiadores de algodão, em número de 300, diante do baixo salário de 8 cruzeiros por arroba colhida, paralisaram a colheita no dia 28 de março e exigiram aumento para 10 cruzeiros sendo vitoriosos.

Nessa mesma fazenda, em 15 de março, ante a falta de pagamento aos assalariados agrícolas, reuniram-se 40 homens e, diante do escritório, exigiram imediato pagamento. Embora não tenham recebido dinheiro, obtiveram ordens de a comparecer no armazém da cidade. (Do Correspondente).

Invadiram a fábrica e tomaram a farinha

Em 1.º de Abril lavradores da fazenda de propriedade de José Leão, no município de Presidente Bernardes, dirigiram-se à sede da fazenda exigindo fornecimento de gêneros alimentícios, não sendo atendidos pelo fazendeiro. Indignados, os lavradores decidiram invadir a fábrica de farinha de mandioca da fazenda e levaram sacos de produto para matar a fome. O fazendeiro chamou a polícia que desencadeou o terror, levando dezenas de lavradores de caminhão e automóvel para a cadeia de Presidente Bernardes, sob ameaças de espancamento.

José Leão, é grande fazendeiro, proprietário de fazenda em Sto. Anastácio onde possui milhares de bois gordos. É, integralista e reside em Presidente Prudente.

(Do Correspondente).

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17.º andar - Sala 1713
SUCURSAS
SAO PAULO - Rua dos Estudantes, 84 - Sala 291
P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 527 - 81 38
RECIFE - Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Saci
SALVADOR - Rua João de Deus, 1 - Sala 1; FORTEALEZA - Rua Barão do Rio Branco, 1246 - Sala 22
ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Aviso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVA-
DOR - BELEM.

O PESAR DO POVO BRASILEIRO

Manifestações de tristeza pela morte de Stálin cobriram o Brasil de norte a sul
Reportagem de A. S. PEREIRA

Naquele dia, as conversas em voz alta e as brincadeiras dos operários que esperavam a hora de tornar a entrar na fábrica, depois do almoço, haviam dado lugar a grupos que ouviam e comentavam, em tom sério uma notícia que preocupava a todos: a doença de Stálin. Já há pelas nove da manhã ela corria de boca em boca. E quando o apito marcou 11 horas os portões se abriram, muitos correram para a banca de jornais mais próxima. Infelizmente desta vez não se tratava de um boato americano: o texto do comunicado do Partido e do Governo soviético não deixava lugar a dúvida. A coisa era séria.

A porta da fábrica, os comentários fervilhavam. Os exemplares dos jornais passavam de mão em mão e de quando em quando vinha um comentário:

— O velho é forte vocês vão ver. Daqui a pouco está bom!

Mas outros compreendiam toda a extensão da ameaça. Muitos já tinham tido casos semelhantes em suas famílias. Outros sabiam que o Partido não usaria aquela linguagem — «uma imensa desgraça se abateu sobre o nosso país» — se o estado do camarada Stálin não fosse realmente gravíssimo. Mas o que dominou a todos foi a consternação. Mesmo aqueles que procuravam se convencer e convencer aos outros de que tudo não ia passar de um grande susto não podiam esconder sua preocupação profunda.

No dia seguinte, o assunto dominante foi o mesmo. Comunistas e não comunistas, homens e mulheres, velhos e jovens, todos sentiam que a vida do camarada Stálin estava intimamente ligada com a sua própria vida. Todos sentiam que Stálin pertencia à sua família, à grande família dos trabalhadores de todos os países. Todos sentiam que Stálin era um dos seus.

Quando, no dia 6, anunciou-se a morte de Stálin, o sentimento de tristeza de cada um se exprimia no olhar, na maneira de falar, até na maneira de trabalhar. O companheiro que me transmitiu estas informações dizia-me:

— Nunca ouvi tão distintamente o barulho daquelas máquinas no salão da tecelagem. Cada um estava voltado para o seu pano, mas o pensamento de todos nós estava ocupado pela figura de Stálin.

xxx

Estas manifestações de pesar do povo brasileiro não se limitaram às fábricas. Elas dominaram as cidades e se estenderam pelos campos, cobriram o Brasil de norte a sul.

Em Orós — foi um jornalista que presenciou este fato — um grupo de populares lia, numa manchete de jornal, a notícia da morte de Stálin. Uma mulher, com uma criança pela mão, vem passando e para também. Sua fisionomia se torna ainda mais séria. O garoto lhe pergunta:

— O que foi mãe?

— Morreu Stálin.

— Quem era Stálin?

— O chefe do comunismo, o amigo do povo pobre.

Mas, ao pronunciar estas palavras, não escondia a tristeza que a dominava. Desde há muito compreendera que «Stálin» e «comunismo» são palavras que simbolizam a negação da miséria e das privações das populações nordestinas. Não sabia bem por que, mas o nome de Stálin exprimia toda sua esperança em dias melhores, em dias em que seu povo



deixasse de sofrer periodicamente o castigo da seca, em que houvesse trabalho e fartura para todos.

xxx

Na grande fábrica de Rio Tinto, lá no interior da Paraíba, a notícia da morte de Stálin saiu das páginas dos jornais para ficar impressa na fisionomia contristada de milhares de operários. Não houve brincadeiras, nem cantorias, dias seguidos. Um operário da preparação, profundamente compungido, não sabendo como expressar melhor o seu sentimento, apanhou um pedaço de pano preto, amarrou-o na ponta de um pau e fincou-o à porta do seu casebre, como a dizer: ESTAMOS DE LUTO. Com seu gesto simples e profundo ele traduzia a maneira de sentir de milhares de trabalhadores daquela fábrica.

Em Salvador, os 40 operários de uma construção resolveram manifestar a seus colegas soviéticos o pesar que lhes causara a morte de Stálin. Redigiram um telegrama, assinaram-no, cotizaram-se para pagá-lo. E antes de levá-lo à agên-

cia telegráfica passaram na redação de «O Momento», para que tirassem cópia e o publicassem.

Não foram apenas os olhos do soldado Vivaldo Cabral que não puderam sofrer as lágrimas ao saber da morte de Stálin. Milhares de mães, de trabalhadores do campo, de estudantes e operários, de soldados, marinheiros e intelectuais choraram ao saber que Stálin morrera. E que sua vida estava intimamente relacionada com a de cada um de nós, sua ação se refletia intensamente sobre nossa própria vida. Foi ele o grande estrategista da vitória sobre o nazismo, e por isso mesmo o melhor aliado dos brasileiros na luta contra esse inimigo comum. Campeão da paz, sua ação foi decisiva para impedir que a vida de milhões de jovens brasileiros viessem a ser ceifadas em uma aventura imperialista. Construtor de um mundo novo e feliz, ele mostrou-nos que era possível abolir a exploração do homem pelo homem, provou com um exemplo convincente, que quando os governos são realmente do povo os preços podem baixar.

E' por tudo isso que o povo está atendendo ao apelo do Partido Comunista, lançado na CARTA ABERTA do Comitê Nacional, e assina em massa as listas da HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO AO GRANDE STÁLIN. A verdade é que os trabalhadores e o povo estão tomando esta campanha em suas mãos e a estão conduzindo à vitória.

Ainda há pouco um companheiro me contava que em mais de metade das casas que ele e sua mulher têm visitado, solicitando assinaturas para a HOMENAGEM, pedem-lhes que deixem listas para serem entregues a parentes e amigos. Muitos — a maioria — frisa sua condição de não comunista, mas acrescenta, espontaneamente:

— Como negar nossa assinatura para uma homenagem ao maior homem de nossa época?

Centenas de milhares de brasileiros já assinaram estas listas. Seu número atingirá a milhões porque esta homenagem não faz senão traduzir o sentimento mais profundo do nosso povo.

Milhares de Assinaturas já Coletadas Para a Homenagem do povo brasileiro ao grande Stálin

A receptividade que vem encontrando em todo o país a iniciativa da VOZ OPERÁRIA e outros órgãos da imprensa democrática lançando a Homenagem do Povo Brasileiro ao Grande Stálin, é sem dúvida uma tocante demonstração da veneração de milhares de brasileiros e brasileiras à memória imortal de Stálin, uma prova eloquente do carinho com que o nosso povo reverencia a figura daquele que mais fez pela humanidade em todos os tempos.

A morte de Stálin repercutiu dolorosamente nos corações de milhões de brasileiros. Nos mais longínquos recantos de nossa Pátria, as pessoas simples externaram por diversas maneiras o seu profundo pesar pelo acontecimento. A iniciativa da VOZ OPERÁRIA e outros órgãos da imprensa democrática visa tornar possível a esses milhões de pessoas, da forma mais simples, exprimir a grande dor que lhes lancia o coração. Através de assinaturas apostas às listas amplamente distribuídas, o povo brasileiro manifestará ao heróico e amado povo soviético sua solidariedade e a dor comum pela perda do chefe, guia e pai imortal de todos os oprimidos, da humanidade progressista.

Na campanha de assinaturas em homenagem a Stálin, a VOZ OPERÁRIA e o diário democrático paulista «Notícias de Hoje» tomaram a iniciativa de fixar para todo o Estado a cota de 865 mil assinaturas, as quais deverão ser coletadas até o próximo dia 31.

Para atingir este objetivo atribuiu cotas à Capital e as mais importantes cidades paulistas, na seguinte base: Capital, 350 mil assinaturas; Santos, 50 mil; Santo André, 40 mil; Sorocaba, 30 mil; Jundiaí, 20 mil; Campinas, 10 mil; Ferroviários, 30 mil; Ribeirão Preto, 40 mil; Rio Preto, 40 mil; Taubaté, 30 mil; Presidente Prudente, 20 mil; Bauru, 30 mil; Marília, 20 mil; Aracatuba, 20 mil; Londrina, 10 mil; Barretos, 10 mil; Piracicaba, Limeira, Americana, Araraquara Ourinhos, 3 mil cada e Jovens Paulistas, 100 mil.

Cinco grupos de emulação foram também organizados, da seguinte forma:

1º GRUPO — São Paulo, Santos, Santo André e Sorocaba; 2º GRUPO: Ferroviários, Jundiaí, Campinas e Taubaté; 3º GRUPO: Ri-

As ordens do "New York Times" a Getúlio

O «New York Times», órgão dos trustes de Wall Street e, por isso mesmo, jornal diretamente ligado ao governo de Eisenhower, lançou um editorial a respeito de Getúlio e seu governo de traição nacional.

O tom e o conteúdo desse editorial são os de um senhor que faz censuras, dá ordens, determina a conduta de mais subservientes de seus locais. Com isso o jornal inaque não faz mais do que tornar pública, mais uma vez, uma situação vergonhosa, mas já bastante conhecida. Contra a vontade de «New York Times» foi, portanto, um serviço prestado à verdade.

Quanto ao mais, o «New York Times» peca intencionalmente contra a verdade, como de costume. Acusa o governo de Getúlio de ter retardado até o último momento a aprovação do «Acordo Militar». Nada mais falso. O acordo infame só foi aprovado na undécima hora mas não por culpa de Getúlio, que exigiu uma votação de urgência em cima da outra para aprovação do acordo a toque de caixa. Foi por causa da luta do povo, de todos os brasileiros patriotas entre os quais os comunistas ocupam o primeira linha, que o acordo só pôde passar a duras penas. Mas sobre esse assunto, o «New York Times» ainda terá motivos não só para queixas mas para um pranto aberto. Pois o povo brasileiro não permitirá de modo algum que o acordo seja levado à prática.

O «New York Times» diz que Getúlio aceitou a solução nacionalista do problema do petróleo. Ai a má fé e a mentira andam de mãos dadas. Além das mil e uma artimanhas do projeto da «Petrobrás» para permitir a intromissão e o domínio da Standard Oil na indústria petrolífera brasileira, existem ainda as emendas entreguistas que Getúlio mandou fazer no Senado. Também aí, se o petróleo ainda não foi entregue à «Esso», não é por culpa de Getúlio. E' porque o povo o impediu até aqui. E o impedirá, também para o futuro.

O «New York Times» aprecia mais Getúlio como ditador do Estado Novo do que como presidente constitucional. Com isso exige abertamente o golpe fascista, a ditadura terrorista mais descarada. Não lhe são suficientes os cárceres cheios, a nova lei de segurança, as violências policiais, os crimes e assassinatos de partidários da paz, de operários em greve. O jornal inaque estranha que esses métodos não estejam dando os mesmos resultados do tempo do Estado Novo. Também aí a culpa não é de Getúlio. Ele está com as mãos tintas de sangue do povo. Mas, ao contrário do que esperam seus patrões, as lutas patrióticas crescem, conquistam vitórias e se prestam para golpes mais profundos e decisivos ainda. Nesse sentido, as exigências do «New York Times» só nos mostram a necessidade de intensificar a luta para varrer esse governo de traição e substituir esse regime por uma democracia do povo brasileiro e não dos dólares.

beirão Preto, Rio Preto, Bauru, Marília e Aracatuba; 4º GRUPO: Presidente Prudente, Barretos e Londrina; 5º GRUPO: Piracicaba, Limeira, Ourinhos, Americana e Araraquara.

Nesta campanha de emulação, prêmios serão conferidos aos que mais se destacarem.

Os primeiros colocados de cada um dos cinco grupos receberão uma estatua de Stálin. Aos segundos colocados serão entregues flâmulas bordadas a ouro. O campeão estadual de assinaturas será premiado com uma medalha de ouro, cabendo ao vice-campeão medalha de prata. Os que ficarem entre o 3º e o 10º lugar, receberão medalhas de bronze.

A iniciativa da VOZ OPERÁRIA e de «Notícias de Hoje» em São Paulo vem já alcançando os maiores êxitos e se contam por muitos milhares as assinaturas recolhidas e que estão sendo encadernadas em volumes para serem enviadas ao Soviét Supremo da URSS.

Nos demais Estados, as Sucursais da VOZ OPERÁRIA, juntamente com os órgãos locais da imprensa democrática, estão elaborando planos análogos, de maneira que a campanha de assinaturas possa traduzir o imenso pesar do nosso povo pela morte do grande Stálin.



Perdemos um verdadeiro pai

Com grande pesar pela morte do grande homem que foi Stálin, golpe profundo que abalou toda a humanidade, choramos pela perda irreparável afirmando que tudo faremos para honrar a sua sagrada memória.

Stálin, lutando sempre com firmeza pela causa da Paz, da Democracia e do Socialismo e da independência de todos os países, constituiu-se no maior amigo dos povos e também do nosso povo.

Estamos cobertos de luto. Tristes estão os corações e os lares de todos os trabalhadores que amam a Paz porque perdemos um verdadeiro pai. Todas as reivindicações que o governo foi obrigado a inscrever na legislação do trabalho nós a conquistamos graças aos ensinamentos de Stálin. E hoje continuamos a seguir os seus conselhos que jamais serão esquecidos.

Hoje dispomos de muitos homens em todo o mundo

capazes de seguir a sua doutrina e continuar na luta contra a exploração do homem pelo homem e contra a guerra que os imperialistas preparam contra a União Soviética. No Brasil temos o grande Prestes que declara que nosso povo jamais fará guerra à Pátria do Socialismo.

Glória eterna ao grande Stálin!

F. Garcia. — Assis, março de 1953.

«Enxuguem as lágrimas e não poupemos esforços para sermos dignos da memória imortal de Stálin, aplicando nas condições específicas de nosso país seus geniais ensinamentos» — Luiz Carlos Prestes

Os ensinamentos de Stálin surgem como farol luminoso

Da longa carta que recebemos do leitor M. Bittencourt Jardim, extrairmos os seguintes trechos:

«Stálin está em todas as ações revolucionárias de nosso povo, pois, no comando das grandes lutas no Brasil está seu grande e fiel discípulo, o querido camarada Prestes.

Prestes, o dirigente administrativo provado, defensor intransigente das grandes idéias de Stálin, é que vem melhor contribuindo para forjar o nosso Partido, à luz do marxismo-leninismo, espelho no grande e invencível Partido de Lenin e Stálin.»

«É nessa hora em que a classe operária e o povo brasileiro forçam com decisão os liquês da exploração e da traição nacional desse governo de latifundiários e grandes

capitalistas, em um vigoroso, que os ensinamentos de Stálin surgem como o farol luminoso clareando o caminho e revelando os obstáculos a serem vencidos na grande marcha do nosso povo pela emancipação total.»

«Dai a justiça da afirmativa do Comitê Nacional do P. C. B., na Carta Aberta: Aprender com Stálin significa construir nosso Partido à imagem e semelhança do Partido Comunista da URSS. Para isso lutemos com firmeza pelo pão para os trabalhadores elevemos a bandeira da independência nacional. Neste momento, é este o nosso maior dever. É esta a maneira de prestarmos ao camarada Stálin, à sua memória imortal, a nossa maior homenagem.»

Como operário senti com profunda dor a morte de Stálin. Para mim, para os homens do povo do mundo inteiro, foi a perda da luz que nos iluminou durante mais de meio século. Stálin era nosso dirigente supremo. Todos os operários esclarecidos aprenderam com Stálin a lutar contra o regime de exploração.

Os povos que lutam para se livrarem da dominação estrangeira, pela Paz seguem os ensinamentos de Stálin. E por isso, por saber o que significava Stálin para nós, que choramos a sua perda. Perdemos o que havia de melhor para a humanidade, o grande sábio, o construtor de um mundo feliz — a União Soviética, a grande e poderosa pátria dos trabalhadores.

Stálin não era apenas o teórico mas também o dirigente prático de todas as lutas da classe operária. Por isso, quando estamos em situação difícil, sem encontrar saída para nossos trabalhos, nos guiamos pelos ensinamentos de Stálin e, aí, as coisas marcham bem.

Quando Stálin morreu, a reação internacional dizia que haveria luta pelo poder na União Soviética e tudo que Stálin fizera teria de acabar. Dias depois a provocação caiu por terra. O camarada Malenkov expressando a unidade do povo soviético, reafirmou a política stalinista, a política de Paz e de amizade entre os povos.

Stálin morreu mas não morrem as idéias por que lutou. Aí estão os Partidos Comunistas como fiéis seguidores de Stálin. Morreu Stálin mas continuaremos o nosso trabalho com esforço redobrado. Em memória de Stálin vamos recrutar milhares de novos membros para o Partido de Prestes, vamos intensificar a luta pela paz, pela libertação nacional e pela conquista de um governo democrático-popular. Só assim estaremos honrando o grande chefe da humanidade, o grande Stálin.

Precisamos derrotar esse governo de assassinos, que em vez de preços acima de 100 cruzeiros para o algodão, em vez de distribuição abundante de sacarias para os colonizadores, em vez de fazer uma classificação justa para o algodão, em vez de dar fornecimento para os produtores, está negando tudo isso, protegendo os ladrões da Sanbra Clayton, mandando matar os camponeses como fez a José Honorato Lemos em Ameliópolis em 22 de fevereiro do corrente ano.

Esses Getúlios, Garcez e Ademar nada podem dar ao povo, a não ser fome e miséria. Desse governo de grandes fazendeiros, os operários e camponeses nada podem esperar. Precisamos derrubá-lo e colocar em seu lugar um governo do povo, com os operários à frente em aliança com os seus irmãos camponeses, como diz o camarada Prestes, para honrar o nosso chefe, mestre e guia o grande Stálin.

Antonio Rodrigues — Presidente Prudente, 2-4-53.

Seu nome está nos lábios de todos

Como simples camponês, vivo sob a exploração do regime semi-feudal, morando em casebre de pau a pique como milhões de outros camponeses brasileiros e choro a ausência do generalíssimo Stálin. O camponês brasileiro e todos aqueles que vegetam pelo caminho da vida, que vendem a força dos seus braços para não morrer de fome, viam no camarada Stálin, o farol que nos iluminava no caminho da libertação nacional.

Stálin morreu mas o seu nome está vivo nos lábios de todos aqueles que desejam um Brasil livre e independente do jugo imperialista norte-americano. Stálin nos disse que a guerra será evitada se os povos lutarem pela paz até o fim e suas palavras foram aprovadas por todos os homens e mulheres do mundo inteiro inclu-

sivo, por nós camponeses que jamais deixaremos que nossos entes queridos embarquem para o sumidouro da Coréia.

Muitas mães camponesas ao assinarem o Apelo por um Pacto de Paz choraram, derramando copiosas lágrimas, ao relembrares os horrores da última guerra. Daí, o povo brasileiro colocar em primeiro lugar as palavras de Prestes de que a Paz é nossa tarefa central e decisiva, cujo porta-bandeira foi Stálin, o campeão da Paz, nosso pai e mestre, guia genial do povo soviético e do proletariado do mundo inteiro.

Lutando pela Paz expressamos todo o nosso sentimento ao extremo e saudoso camarada Stálin e saudamos o camarada Malenkov em cujas mãos experimentadas se encontra a bandeira da Paz e da fraternidade entre os povos.

PRIMITIVO PAES SILVA

O governo soviético e o governo da República Popular da China atenderam ao apelo do Conselho Mundial da Paz e apoiaram de maneira franca e decidida a proposta de ser assinado um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências. Essa posição da U.R.S.S. e da China não constituem novidade. São sobejamente conhecidas as reiteradas propostas apresentadas na ONU pelos representantes soviéticos no sentido de serem resolvidos mediante acôrdo os desentendimentos que existem entre os países que constituem o campo democrático e aqueles que formam no campo do imperialismo a URSS, como se sabe, tem apresentado propostas visando à interdição da arma atômica e das armas bacteriológicas, à redução imediata dos armamentos convencionais e a um Pacto de Paz entre as grandes potências. Na base de propostas da URSS é que foi possível o início de negociações pró-armistício em Pan Mun Jon e tem sido a recusa sistemática das propostas soviéticas por parte do bloco anglo-americano o impedimento real à assinatura dos tratados de paz relativos à Áustria, à Alemanha e ao Japão.

O governo de Pequim, também tem sido um esteio decisivo da localização do conflito coreano e das medidas tendentes a pôr-lhe termo. A troca de prisioneiros doentes e feridos, que vem de ser realizada, assim como a possibilidade que ora se abre de obter-se a paz na Península coreana devem-se, em grande parte, à firmeza dos di-

CRÔNICA INTERNACIONAL

A U.R.S.S. E A CHINA ATENDEM AO APÊLO DOS POVOS

rigentes chineses, calorosamente apoiados por seu povo, no sentido de impedir que os invasores imponham ao heróico povo coreano um regime de terror colonial. Entretanto, ao mesmo tempo que impede a dominação americana na Coréia, o governo da República Popular da China dá mostras concretas de querer solucionar pacificamente o conflito. Repetidamente, a China Popular tem solicitado entendimentos que permitam findar a guerra coreana e consolidar a paz mundial.

A política da União Soviética e da China é calorosamente apoiada por todos os povos do mundo e especialmente por todos os países de democracia popular. Essa política visa à manutenção e à consolidação da paz.

Entretanto, como responderam os governos dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França ao apelo do Conselho Mundial da Paz? Eles ou não tomaram conhecimento desse apelo, ou simplesmente se recusaram a atendê-lo, como fez Churchill, na Câmara dos Comuns.

Essas duas atitudes diferentes, revelam duas políticas opostas:

A URSS, a China, os demais países de

democracia popular e a Alemanha Democrática têm regimes que exprimem a vontade de seus povos e estão voltados para o soerguimento e desenvolvimento de suas economias nacionais, em benefício de todo o povo. Esses países estão voltados para a construção pacífica e não têm, nem podem ter, o menor interesse na guerra e na militarização de suas economias, pois é sabido que os grandes orçamentos militares impedem o desenvolvimento da construção pacífica. É natural, portanto, que a URSS e a China apoiem mais uma vez a assinatura de um Pacto de Paz entre as grandes potências, e que tudo façam para obter a assinatura desse Pacto.

Nos países em que domina o capital, pelo contrário, a vontade do povo não se pode expressar livremente e o aparelho governamental é inteiramente dominado pelos trustes, interessados na guerra. Os orçamentos dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra põem a nú a militarização da economia desses países. O orçamento norte-americano é um orçamento abertamente de

guerra, e as verbas militares ocupam nele cerca de 70%. Nas grandes potências capitalistas, a reconstrução da economia e o desenvolvimento das forças produtivas cedem lugar à militarização da economia, à corrida desabalada aos armamentos. Com isso lucram somente os grandes trustes que, nos últimos anos, aumentaram várias vezes os lucros que obtinham anteriormente. É natural, portanto, que os governos que expressam a vontade dos grandes trustes tudo façam para impedir a assinatura de um Pacto de Paz, que ponham todo o empenho em ampliar os conflitos existentes para aumentarem ainda mais seus fabulosos dividendos.

Entretanto, a palavra final em favor da paz ou da guerra não pertence aos loucos incendiários. Os povos podem impor sua vontade e a imporão. As recentes negociações em Pan Mun Jon, os acordos parciais que lá se celebraram e as possibilidades visíveis de ser posto um fim ao conflito são prova disso. A ação dos povos, amparada decisivamente pela União Soviética e pela China Popular obrigaram os próprios generais do Pentágono a entabularem negociações.

O Pacto de Paz será igualmente obtido se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim.



MAIO MÊS DE UM PACTO DE PAZ

ATRAVÉS DE MENSAGENS, TELEGRAMAS, CARTAS, O POVO BRASILEIRO SE DIRIGIRÁ AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SOLICITANDO O APOIO DO GOVERNO BRASILEIRO AO INÍCIO DOS ENTENDIMENTOS PARA A CONCLUSÃO DE UM PACTO DE PAZ ENTRE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS

Maio é o Mês do Pacto de Paz — tal a importante resolução que a diretoria do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz vem de tomar em recente reunião. A decisão do MBPP como está explicado no «Apelo ao Povo Brasileiro», tem fundamento na brilhante perspectiva que se abre diante da humanidade de ver transformado o presente alívio da tensão internacional num entendimento efetivo e duradouro entre todos os países.

FATOS PROMISSORES
Na Coreia, após a conclusão

com êxito das negociações em torno dos prisioneiros de guerra feridos e enfermos, prosseguem os entendimentos visando a cessação completa do conflito que já enlutou milhões de lares em todas as partes do mundo. Na O N U, a proposta brasileira relativa às negociações de paz em Pan-Mun-Jem reuniu a unanimidade de votos dos Estados-membros daquela organização.

Esses fatos demonstram ser possível o espírito de entendimento prevalecer sobre as soluções de força e enchem

de esperança os povos animes da paz. Mas, além disso, revelam que a luta dos povos pela paz, que tem como centro um movimento sem precedentes na História — o Movimento Mundial dos Partidários da Paz — está produzindo novos frutos. Significam que a política da União Soviética, pelo fortalecimento e a manutenção da paz, conta com o decidido apoio dos povos porque corresponde inteiramente às suas aspirações de paz.

Mais ainda, o alívio da tensão internacional é uma prova inofismável de que a reduzida minoria de provocadores de guerra não pôde continuar alheia às exigências de entendimentos pacíficos formuladas por centenas de milhões de pessoas; e prova, em consequência, que essa minoria pode e deve ser isolada e contida nos seus sinistros desígnios de ensanguentar o mundo.

A necessidade da intensificação da campanha por um Pacto de Paz, neste momento, é também maior devido ao desespero de que se acham possuídos os provocadores de guerra, ante a perspectiva de uma paz durável. Provas de tal desespero são os obstáculos que os chineses e norte-coreanos estão removendo dia a dia para que se chegue ao armistício na Coreia; as tentativas abertas de sufocar a luta de libertação nacional dos povos da Indochina e transformar aquela região em teatro de uma guerra de agressão semelhante à que foi desencadeada contra a Coreia; as cínicas pregações de bombardeio da República Popular da China.

O desespero dos provocadores de guerra e fabricantes de armamentos, para os quais a guerra é um meio de obter o lucro máximo, de ganhar milhões de dólares com o sofrimento e o sangue de milhões de criaturas, se reflete seriamente em nossa Pátria. O Acôrdo Militar, tratado de guerra e colonização, foi aprovado a toque de caixa; as reiteradas tentativas de obter carne de canhão no Brasil para as guerras desencadeadas pelos americanos; a anunciada e humilhante «visita» de uma esquadra ianque no Rio e Santos; a ameaça aberta feita pelos trustes de Wall Street, através do New York Times, de intervenção no Brasil — todos estes são fatos que põem em relêvo o empenho dos monopolistas americanos em comprometer nosso país nos planos de preparação e desencadeamento de uma nova guerra.

PARA QUE O GOVERNO BRASILEIRO APOIE O PACTO DE PAZ O DESESPERO DOS PROVOCADORES DE GUERRA

Mais de cinco milhões de brasileiros, em compromisso pessoal expresso por sua as-

sinatura, pediram às cinco grandes potências negociar a conclusão de um pacto de paz. Assim, pois, o apelo agora lançado pelo MBPP para que neste mês todos os esforços sejam concentrados na conclusão do Pacto de Paz, se harmoniza perfeitamente com uma inequívoca aspiração do nosso povo.

No Congresso dos Povos Pela Paz, reunido em Viena em dezembro último, foi criada uma Comissão de personalidades de diversos países, e entre as quais o ilustre brasileiro, o general Edgard Buxbaum, para dar cumprimento à sua resolução básica em favor de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências. Agora, no mencionado «Apelo ao Povo Brasileiro», diz o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz: «O desejo de paz de nosso povo, demonstrado em memoráveis campanhas, deve ser orientado no sentido de levar o nosso Governo a responder favoravelmente ao Apelo da Comissão, agindo junto aos Governos das cinco grandes potências, visando a um Pacto de Paz».

COMISSÃO DE PERSONALIDADES

Na reunião da diretoria do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz foi adotada também a resolução designar o dr. Abel Chermont a sra. Branca Fialho, o general Edgard Buxbaum e o sr. Valério Konder para formar uma comissão de personalidades de todo o país que levará ao Presidente da República a Mensagem do Congresso dos Povos Pela Paz dirigida aos Governos das cinco grandes potências, solicitando o apoio do Governo Brasileiro ao início de entendimentos para a assinatura de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências e aberto a todos os Estados.

A perspectiva de continuação da ampliação do Movimento dos Partidários da Paz em nosso país, torna possível a constituição de uma representativa comissão de personalidades brasileiras que de fato expresse os profundos sentimentos de paz do nosso povo.

«Que todos os brasileiros que desejam a Paz, que odeiam a guerra, manifestem, individual ou coletivamente, durante o Mês do Pacto de Paz em cartas, telegramas, mensagens, dirigidas ao Sr. Presidente da República, toda sua vontade, o seu anseio por um gesto do Brasil em favor de um Pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências, aberto a todos os Estados». Es exortação do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz que está sendo acolhida com entusiasmo em todo o país deve transformar-se num torrente de manifestações junto ao Governo para que Brasil tome posição em favor do Pacto de Paz.

LEIA
“Democracia Popular”
circula todas as terças-feiras

Pelas Liberdades Democráticas, em Defesa da Paz,

J. A. FERRAZ

O último informe do camarada Prestes é uma fonte de lições preciosas para os comunistas e todo o povo. Baseando-se nos grandiosos ensinamentos do XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, e particularmente nas geniais indicações do grande Stálin, o camarada Prestes submete a uma crítica séria e justa a atividade de nosso Partido.

Uma das questões que Prestes levanta com grande força é a da luta pelas liberdades democráticas. Constata que, neste terreno nos faltou a necessária clareza e uma justa compreensão do momento histórico atual. Foi o discurso do camarada Stálin no XIX Congresso do P.C.U.S. que nos alertou para a necessidade de levantarmos a bandeira da luta pelas liberdades democrático-burguesas.

O camarada Prestes caracteriza nosso erro, nesta questão, como «uma grave subestimação, de fundo sectário, a respeito da importância da luta pelas liberdades em nosso país».

A luta pelas liberdades democráticas é uma das tarefas mais importantes de nosso Partido, na etapa atual da revolução brasileira. Vivendo num país semi-feudal e semi-colonial, o povo brasileiro jamais destruiu as liberdades democráticas efetivas, nem conheceu a democracia burguesa dos países capitalistas. O monopólio da terra condiciona o caráter profundamente reacionário do regime político existente no Brasil. Apesar de todas as Constituições, parlamentos, eleições e outras aparências democráticas, este regime sempre se caracterizou pelo despotismo das autoridades, pela onipotência policial, pelo completo desprezo aos direitos individuais pela violência mais brutal contra o povo, a democracia de fachada, a democracia bastarda — assim o camarada Prestes denomina essa democracia do voto de cabresto e do cassete de borçacha.

Nestas condições, a conquista das liberdades democráticas constitui uma aspiração constante de todo o povo brasileiro. As liberdades de imprensa, de palavra, de reunião e de organização, o direito de greve e as garantias individuais — a inalienabilidade do domicílio, da correspondência, etc. — são necessidades à atuação das forças democráticas. O proletariado, que luta à frente de todas as forças populares por um novo regime verdadeiramente demo-

crático, tem profundo interesse na garantia das liberdades públicas.

Entretanto, como acentua o camarada Prestes, não lutamos nem mesmo em defesa dos direitos e franquias registrados na Carta Constitucional de 1946. Em consequência do ascenso democrático de 1945, as forças reacionárias, que tinham maioria na Assembléia Constituinte, foram obrigadas pela ação das massas a registrar na nova Constituição diversas das conquistas democráticas do povo. Em muitos casos, limitaram estes direitos e liberdades, sujeitando-os a regulamentação pela lei ordinária. Não obstante, a Constituição inscreve os direitos elementares do cidadão.

Estas conquistas democráticas foram e são violadas brutalmente pelos governos de Dutra e Vargas, governos dos latifundiários e grandes capitalistas, lacaios do imperialismo americano. Preparando uma nova guerra, os imperialistas americanos instauram o fascismo não apenas nos Estados Unidos mas também nos países satélites, apoiando-se nos círculos reacionários destes países. Para tentar impôr ao povo sua criminosa política de guerra e militarização do país, os governantes brasileiros enveredam pelo caminho da violência contra o povo, do anticomunismo feroz — pelo caminho do fascismo. A luta pelas liberdades está, portanto, inelutavelmente ligada à nossa tarefa central e decisiva — a luta pela paz.

As intensificarmos nossa luta pela paz, não sabemos porém defender de maneira decidida e consequente as liberdades públicas conquistadas em 1945, nem lutamos suficientemente para ampliá-las.

Decerto, nosso Partido é o único que defende intransigentemente as liberdades do povo, é o maior inimigo do fascismo em nosso país. Temos defendido com sucesso a liberdade de imprensa, a circulação dos jornais populares. Ultimamente, na luta contra o Acôrdo Militar, o povo conseguiu o direito de reunião em praça pública, até mesmo na capital do país. Tem sido assegurada com êxito a legalidade de importantes organizações de massas democrática se anti-imperialistas. Inúmeros presos políticos foram arrancados dos cárceres. Em suma, até agora o imperialismo americano e seus lacaios não conseguiram implantar o fascismo no Brasil.

Mas a nossa luta contra a

fascistização do país tem se limitado em grande parte à propaganda e à agitação em termos gerais. Não sabemos defender as liberdades democráticas, os direitos do cidadão, em cada caso concreto, diante de cada atentado do governo, da polícia, e dos juizes a serviço da reação. Muitas vezes nos conformamos, na prática, com as más brutais violações da liberdade e da própria Constituição. Não protestamos com o necessário vigor contra as prisões arbitrárias e os espancamentos, que, de tão repetidos, passamos a considerar quase como normais. Diante de massacres monstruosos como o de Livramento, o de Rio Grande, etc., pouco esforço fizemos para levantar uma onda de indignação e de protesto e exigir a punição dos responsáveis. Em certos Estados, o Movimento dos Partidários da Paz foi lançado à ilegalidade, e durante muito tempo nos restringimos, na prática, com esta situação.

Nossa subestimação se revela de modo flagrante na tendência a considerar a luta pelas liberdades não como uma luta de massas, mas como uma tarefa exclusiva das organizações de cúpula, das personalidades, e às vezes até uma tarefa dos advogados...

Qual a razão destes erros? A razão é que, como esclarece o camarada Prestes, «viamos na luta em defesa das liberdades uma manifestação de reformismo que julgávamos necessário combater». Era, portanto, uma posição de fundo sectário.

A luta pelas liberdades democráticas nada tem de reformista, desde que seja encarada como um meio de impulsionar e fortalecer o movimento de massas, desmascarar e isolar a camarilha reacionária e ganhar as grandes massas para a luta pela paz e a libertação nacional. Ao contrário, a luta pelas liberdades é parte essencial de nossa atividade revolucionária. Através dessa luta é que desvendaremos diante das massas o caráter ferocemente reacionário do atual regime e faremos com que elas se convençam, pela sua própria experiência, da necessidade de substituí-lo por um regime democrático-popular.

É certo que surgem também tendências reformistas na luta pelas liberdades democráticas, ilusões na solução dos problemas fundamentais de nosso povo, na conquista

de uma verdadeira democracia sem a derrubada do regime dos latifundiários e grandes capitalistas, agentes do imperialismo. Há quem se iluda com a fachada «democrática» do Parlamento e do governo do velho tirano Getúlio. Estas tendências devem ser energeticamente combatidas em nossas fileiras.

Uma das nossas tarefas mais importantes, — conclui o camarada Prestes — é lutar com persistência e convicção, à frente do povo, em defesa de suas liberdades, de cada conquista, de cada direito constitucional dos trabalhadores». Defender vigorosamente à frente das massas, em cada caso concreto, a liberdade de imprensa, de reunião e de organização, o direito de greve, a liberdade sindical e todas as conquistas democráticas.

Este é nosso dever se queremos fazer vitoriosa, em nosso país, a causa da paz. Diante da crescente resistência do povo brasileiro à sua política de militarização e pilhagem do país, os imperialistas americanos procuram desfechar golpes de Estado reacionário para tentar implantar ditaduras militares fascistas e arrastar nosso povo, pela força à escravidão e à guerra. Contra os golpes de Estado reacionários devemos alertar as massas e unir todas as forças democráticas em defesa das liberdades e dos direitos constitucionais dos cidadãos, em defesa da paz.

Os atentados das classes dominantes contra as liberdades, as ameaças de golpes de Estado, a marcha para o fascismo, são indícios de fraqueza e não de força. Em face do agravamento da situação do país e do descontentamento popular que cresce e se amplia, as classes dominantes sentem que já não podem governar nem mesmo com essa «democracia bastarda», necessitam da violência brutal para dominar o povo e servir ao padrão imperialista.

Como nos ensina o camarada Stálin, a própria burguesia atirou fora a bandeira das liberdades democrático-burguesas. Sómente o nosso Partido pode erguer e levar adiante esta bandeira. Isto torna mais fácil unirmos em torno de nós a maioria do povo, a fim de levarmos ao triunfo a causa da paz, da independência e da democracia.

"SÓBRE O DISCURSO DO PRESIDENTE EISENHOWER"

Texto integral do editorial da "PRAVDA" e da "ISVESTIA"

Oferecemos aos nossos leitores o texto completo do brilhante editorial em que os dois principais órgãos da imprensa soviética analisam, ponto por ponto, o discurso de Eisenhower, a 16 de abril último. Trata-se dum documento de repercussão mundial e no qual é feita uma clara e concisa exposição da política de paz da União Soviética. Os substitutos são de responsabilidade da redação da VOZ OPERÁRIA.

«Oito anos passaram desde a vitória dos aliados — a União Soviética, os Estados Unidos, a Grã Bretanha e a França — sobre o fascismo hitlerista e desde o fim da segunda guerra mundial. Os povos soviéticos suportaram o peso principal da grande luta. Isto éles o fizeram para salvar a liberdade e a independência de sua pátria, para ajudar os povos submetidos da Europa a se libertarem do jugo fascista e para garantir, após o fim da guerra, uma paz durável e a segurança internacional.

Defendendo ininterruptamente a causa da paz entre os povos, a União Soviética se esforça, como antes, por desenvolver a cooperação internacional. Os discursos pronunciados a 9 de março de 1953 por G. Malenkov, L. Béria e V. Molotov expressam a imutável vontade do povo soviético de consolidar a paz mundial.

A 16 de abril, o presidente dos Estados Unidos, Eisenhower, pronunciou perante a Associação dos diretores de jornais americanos um discurso dedicado às questões internacionais. Esse discurso se afigura como resposta à recente declaração do Governo soviético sobre a possibilidade de uma solução pacífica das questões internacionais em litígio.

Isto, precisamente, explica o interesse manifestado em todos os países pelo discurso presidencial em amplos meios sociais que aguardavam a reação dos dirigentes do bloco anglo-americano das novas manifestações das aspirações da paz da URSS.

As seguintes palavras do presidente Eisenhower foram acolhidas com simpatia: «Procuramos uma paz verdadeira e completa em toda a Ásia, como no mundo inteiro», bem como sua declaração segundo a qual «nenhuma das questões em litígio, seja grande ou pequena, pode deixar de ser resolvida se houver vontade de respeitar os direitos de todos os outros países».

Entretanto, as palavras do presidente sobre a paz e sobre o fato de que nenhuma das questões litigiosas é insolúvel estão em contradição com outros trechos de seu discurso.

Quem quer que queira ver no discurso de Eisenhower uma verdadeira aspiração à paz não pode deixar de se perguntar por que, num discurso de apelo à paz, o presidente julgou-se no dever de agitar de maneira inequívoca a ameaça de uma eventual «guerra atômica». Será que argumentos desse gênero tornam mais convincente o discurso do presidente sobre a paz? De qualquer forma, no que concerne à União Soviética, tais argumentos, ou, para falar claro, tais ameaças, nunca atingiram nem jamais poderão atingir seu objetivo.

O presidente dos Estados Unidos abordou em seu discurso toda uma série de problemas internacionais de importância desigual. Mas, em suma, consagrou sobretudo seu discurso à questão das relações mútuas com a União Soviética. Declarou ele: «só conheço uma questão de que dependa o progresso. Essa questão é a seguinte: que conta fazer a União Soviética?» E acrescentou: «há um teste muito simples da verdade. Só se pode convencer por meio de atos.»

Pois bem não se pode deixar de estar de acordo: os atos são mais valiosos que as palavras.

Assim, passaremos a examinar esses importantes problemas internacionais de cuja solução depende o reforçamento da paz.

ATOS E PALAVRAS EM RELAÇÃO À CORÉIA

Antes de tudo, a questão coreana.

Pode-se negar que nestes últimos anos questões como as da guerra da Coréia, do restabelecimento da unidade nacional da Coréia, se encontraram no centro do interesse dos meios internacionais? Sabe-se que são exatamente essas questões que serviram de teste à política externa do Departamento de Estado durante esses anos.

O povo soviético apoiou constantemente todas as gestões visando a conclusão de um armistício equitativo na Coréia. A recente proposta dos

governos da República Popular da China e da República Democrática Popular da Coréia, que deu nova possibilidade de passar das palavras aos atos e abriu a perspectiva do fim da guerra na Coréia, foi imediatamente apoiada pelo Governo soviético.

Os que procuram respostas concretas — não palavras, mas atos — objetivando resolver os problemas atuais das relações internacionais, podem apreciar o alcance do fato acima indicado.

Examinemos outros problemas internacionais.

POR UMA SOLUÇÃO PACÍFICA DO PROBLEMA ALEMÃO

Quem pode esquecer, por exemplo, a questão alemã ou furtar-se a ela por meio de frases gerais? Quem pode esquecer um problema internacional tão importante como o restabelecimento da unidade nacional da Alemanha sobre princípios democráticos e pacíficos? Quem pode estar satisfeito, não somente na Alemanha, como fora das fronteiras desse país, quando tal ou qual Estado

aborda essa questão, por exemplo, considerando simplesmente a parte ocidental da Alemanha como um instrumento de sua política externa «dinâmica» na Europa, sem levar em conta qual será a reação de certos povos da Europa, sobretudo do povo francês, mais de uma vez vítima da Alemanha militarizada?

Não é claro que a solução da questão alemã exige que

se levem em consideração os interesses vitais de todos os vizinhos da Alemanha e o interesse do reforçamento da paz na Europa, e que levem absolutamente em conta, antes de mais nada, as aspirações nacionais do povo alemão?

O discurso do presidente dos Estados Unidos não fornece base à solução dessa questão. Não leva em conta a existência dos acordos de Potsdam entre as quatro potências sobre o problema alemão. E o que também fazia o anterior governo dos Estados Unidos. Mas se se considera racional a necessidade de uma solução positiva do problema alemão no espírito do fortalecimento da paz na Europa, como é o esforço constante da União Soviética, não se deve esquecer os importantes acordos internacionais acima indicados, que trazem a assinatura de nossos dois Estados, bem como as da Grã-Bretanha e da França, que se associaram tais acordos.

Se o bloco anglo-norte-americano não levar em conta os acordos firmados, continuar impedido a solução do problema alemão à base da unanimidade das quatro grandes potências e tornar impossíveis as negociações entre a República Democrática Alemã e a Alemanha Ocidental, a eles cabe a responsabilidade por tais atos. O bloco anglo-norte-americano ao invés de cumprir seus compromissos internacionais prefere transformar a Alemanha Ocidental num Estado militarista no qual o poder fique nas mãos dos revanchistas. Esta maneira de encarar a questão alemã é incompatível com os interesses de todos os Estados da Europa amantes da paz e de toda a humanidade progressista. O que se deve fazer é concluir o quanto antes o tratado de paz com a Alemanha, tratado que dê ao povo alemão a possibilidade de se unir num Estado livre e que ocupe o lugar que lhe corresponde na comunidade dos povos amantes da paz, e em seguida retirar as tropas de ocupação, cuja manutenção constitui uma carga a mais sobre os ombros do povo alemão.

RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DA CHINA POPULAR

No discurso do presidente dos Estados Unidos, que aborda grande número de questões internacionais, nada se diz acerca da República Popular da China, do restabelecimento dos direitos nacionais da China na Organização das Nações Unidas, bem como dos seus direitos territoriais legítimos, inclusive os que concernem à ilha de Taiwan (Formosa). Essa questão não dirá respeito aos problemas internacionais urgentes do dia? No entanto, subsiste o fato de que nesse extenso discurso de Eisenhower nenhuma luz se faz relativamente à China. E isto significa que relativamente à China se persegue com obstinação a política ditada pelo desejo de fazer recuar os acontecimentos que se desenvolvem irresistivelmente, embora todo homem de bom senso veja que uma tal política está absolutamente fadada a



DIREITOS DOS POVOS A DISPOREM DE SI MESMOS

Eisenhower formula em seu discurso cinco «preceitos» que, segundo ele, definem a atitude dos Estados Unidos no domínio das relações internacionais.

Está dito nesses «preceitos» que «toda a humanidade tem sede de paz, de fraternidade e de justiça», que «todo país tem o direito inalienável de criar por sua própria escolha sua forma de governo e seu sistema econômico, que a tentativa de um país de impor a outros países uma forma de governo não

pode se justificar», etc. Se estes princípios realmente definissem a política dos Estados Unidos, se eles não permanecessem unicamente no estado de declarações de ordem geral, isto se deveria traduzir também com relação à questão coreana, à Alemanha e à China. Ora, o fato é que as declarações não são confirmadas pelos atos, e que até o presente a política real dos Estados Unidos pouco levou em conta declarações desse gênero na solução daquelas questões internacionais e de numerosas outras.

QUE MTRANCA AS PORTAS DA O. N. U.?

O discurso do presidente dedica particular atenção aos povos da Europa oriental. Depreende-se de suas palavras que as formas de governo dos países da Europa orien-

Os fatos demonstram somente levando a cabo luta tenaz por seus direitos que os povos da Europa oriental chegaram à forma de governo, de democracia popular; e que somente em condições novas é que puderam assegurar em Estados um desenvolvimento impetuoso da economia cultural. Seria estranho rar da União Soviética ela intervesse em favor do restabelecimento dos reacionários derubados desses povos.

Ao mesmo tempo, o dente peca pura e simplesmente contra uma lei da universalmente conhecida «apela» para os povos da União Soviética sentido de «utilizarem» a influência decisiva no comunista a fim de o movimento de liberdade que ergue os povos colônias semi-colônias, como na Ásia, contra a opressão e a escravidão.

difficil contar com uma compreensão justa dos problemas internacionais quando o movimento de libertação nacional é considerado como fomentado por pessoas «mal intencionadas».

Também é impossível compreender a solicitação de conceder «aos outros povos, e notadamente aos povos da Europa oriental» a liberdade de se associarem aos outros países na «comunidade jurídica mundial». Todos sabem que exatamente quem constituiu obstáculo à admissão de certos países de Democra-

cia popular no ONU, quem impede o restabelecimento da grande China nos seus direitos legítimos na ONU. Os representantes da União Soviética não propuseram admitir na ONU catorze países, e sua proposta não foi repelida pelo bloco anglo-americano?

Quanto à questão austriaca cabe repetir, também sobre este ponto, que ainda aí não há questão que não possa ser resolvida na base dos acordos realizados anteriormente, respeitando-se realmente os direitos democráticos do povo austriaco.

PARA QUE A O.N.U. POSSA SALVAGUARDAR A PAZ

Acerca da Organização das Nações Unidas, o presidente declarou em seu discurso que estava pronto a fazer da ONU uma instituição que possa salvaguardar eficazmente a paz e a segurança de todos os povos.

Não é culpa da União Soviética se essa organização não cumpre atualmente a tarefa que lhe incumbe. Entretanto, mesmo agora não é tarde demais para aumentar o alcance da atividade da ONU, notadamente no que diz respeito ao reforçamento da paz e da segurança internacional, que é o objetivo essencial para o qual foi criada essa organização.

Para isso, é necessário antes de mais nada que os princípios da ONU sejam respeitados por todos os seus membros, que os fundamentos mesmos de sua Carta não sejam violados.

É indispensável, para tanto que nenhum governo procure fazer da ONU um organismo auxiliar de sua política externa, pois isto não é compatível nem com os princípios da ONU nem com a defesa dos interesses de uma cooperação internacional normal e da consolidação da paz.

Com que objetivo, pergunta-se, todos os sessenta membros da ONU assinaram sua Carta, cuja parte mais essencial é o princípio da unanimidade das cinco grandes potências quando do exame das questões que concernem à garantia da paz pelo Conse-

lho de Segurança? Não foi sem dúvida para que esta regra reconhecida por todos os Estados viesse a ser ignorada na prática por certos Estados! E nem evidentemente para que tal princípio internacional fosse considerado estranho ou como um obstáculo ao funcionamento da ONU e do Conselho de Segurança!

Enfim, quem pode achar normal essa situação em que o maior país do mundo — a China — é privado da possibilidade de participar na atividade do Conselho de Segurança e da Assembléia Geral, onde, e que, no seu lugar, vagueie pelas dependências da ONU um espantalho qualquer do Kuomintang.

Uma tal situação pode contribuir para reforçar o prestígio da ONU? Pode-se esperar, nessas condições, um desenvolvimento normal da atividade da ONU no que diz respeito aos seus deveres quanto ao reforçamento da paz e da segurança internacional?

De qualquer forma não é a solução desse problema como de toda uma série de outros problemas internacionais que estão por resolver. Se procuramos todos nos esforçar para que haja menos palavras e mais atos, é preciso evidentemente encontrar o meio de resolver esse tipo de problema.

O TEMPERAMENTO BELICOSO DE FOSTER DULLES

É desnecessário dizer que os apelos à paz contidos no discurso do presidente encontrarão de futuro, o apoio de nossa parte. Difícil contudo, é esquecer o fato de que, no momento o curso da política externa dos Estados Unidos se afasta desses apelos pacíficos. Isso ressalta de maneira concreta por exemplo, dos comentários ao discurso do presidente, feitos apenas dois dias depois de ser ele pronunciado, por uma personalidade tão autorizada quanto o secretário de Estado dos Estados Unidos, Dul-

les. Não se pode deixar de estar de acordo com o ex-ministro do governo trabalhista inglês, Strachey, que caracterizou o discurso de Dulles como o desejo de transformar o discurso de Eisenhower «num ato de guerra».

O discurso de Dulles lança certa luz sobre o fato que levou Eisenhower a não falar sobre a China em seu discurso. É que o governo dos Estados Unidos está preocupado com a chamada China Nacionalista, isto é com os remanescentes de Chiang Kai Chek lançados aos confins do país pelo povo chinês como resultado duma luta vitoriosa. No que se relaciona porém, com a verdadeira China, com seu governo democrático-popular o único e legítimo representante do povo chinês Dulles inclusive atribui como mérito ao governo dos Estados Unidos o ter realizado o bloqueio econômico e político da República Popular da China.

O temperamento belicoso de Dulles é conhecido de longa data. É possível que seu discurso seja uma interpretação um pouco livre do discurso do presidente. Mas não se pode encobrir o fato de que Dulles está à frente do Departamento de Estado, e de que suas palavras correspon-

dem, queira ele ou não, ao ponto de vista do governo, expresso por Eisenhower.

Por isso não podemos deixar em silêncio a afirmação de Dulles segundo a qual o apelo dos dirigentes soviéticos por uma solução pacífica das questões em litígio foi lançado sob a pressão do que se denominou a política «de dureza» dos Estados Unidos. Pois o mundo inteiro sabe que os dirigentes soviéticos não baseiam seus atos sobre considerações relativas à «dureza» ou à «brandura» da política de tal ou qual país em relação à URSS, mas sobre os interesses fundamentais do povo soviético, sobre o interesse da paz e da segurança internacional.

Embora a atitude belicosa tanto do gosto de Dulles pareça eficiente a alguns, é todavia pouco provável que ela atinja seu objetivo, particularmente no domínio da diplomacia. Subordinando a eventualidade de propostas de paz por parte dos Estados Unidos à criação do que se chama «Comunidade Europeia de defesa», aos planos de organização das «forças armadas unificadas, incluindo as forças francesas e alemãs», isto é, à continuação da corrida armamentista, Dulles revelou, talvez contrariamente a seu desejo, o sentido real da política realizada pelos Estados Unidos. Mas se o sentido verdadeiro do discurso de Eisenhower é bem esse que transparece no discurso mais detalhado pronunciado por Dulles, após, o presidente, na mesma sala e diante dos mesmos ouvintes, ele não pode dar resultados positivos do ponto de vista dos interesses do reforçamento da paz.

Com base em tais declarações dos representantes oficiais dos Estados Unidos, é

difficil fazer um julgamento sobre o que atualmente representa, na realidade, a posição dos Estados Unidos em política externa. Tem eles a intenção de orientar-se para o alívio da tensão internacional e resolver as questões em litígio na base do respeito aos direitos dos outros povos, ou têm eles a intenção de continuar na política anterior, de

corrida armamentista?

Segundo os dirigentes soviéticos as propostas recentemente orientadas para a paz podem servir ao objetivo de melhoria das relações internacionais, isto não significa, no entanto, que os dirigentes soviéticos estejam prontos a considerar como tais propostas as variantes, novas e velhas, métodos antigos.

QUEM QUER A PAZ E QUEM PREPARA A GUERRA?

Em seu discurso, o presidente Eisenhower considerou o balanço do período de após-guerra, a partir do momento em que, em primavera da vitória, os soldados dos aliados ocidentais se encontraram com os soldados russos no centro da Europa.

Partindo desse balanço, Eisenhower acentuou que depois do fim da guerra os países vencedores se separaram para seguir dois caminhos diferentes. A este propósito, em contradição completa com os fatos, Eisenhower apresentou as coisas como se os países do bloco anglo-americano se houvessem fixado por objetivo a consolidação da paz e da segurança internacional, enquanto que a União Soviética e os Estados amigos da União Soviética não teriam seguido o mesmo caminho.

Pode-se mesmo entender, pelas suas palavras, que a recuperação dos elevadíssimos prejuízos causados pela destruição da guerra e o reforçamento do poderio econômico da URSS no período do após-guerra começariam a constituir um novo perigo de agressão.

Para chegar a tais afirmações com relação à URSS, é preciso, pelo menos, ter perdido o senso da objetividade e não levar em conta fatos geralmente conhecidos, que testemunham, com a maior clareza, não somente os objetivos pacíficos de nosso país, mas

também o fato de que a União Soviética era e continua a ser o principal sustentáculo e o fator essencial da manutenção e do reforço da paz mundial.

Tais declarações foram feitas pelo presidente em intenção óbvia de apresentar a política do bloco anglo-americano sob uma luz, por pouco que seja, pacífica. Contudo, as cifras e os fatos citados por ele próprio, acerca das despesas militares, hipertensificadas ao extremo, dos Estados Unidos, e que crescem de ano para ano, indicam coisa inteiramente diferente!

Esses fatos, demonstram uma militarização, antes desconhecida, de toda a economia americana, o fardo insuportável para o povo que representam as despesas de guerra, e fato de que a corrida armamentista nos Estados Unidos gerou no país uma atmosfera de medo e de extrema tensão. Essa política dos Estados Unidos, que contribui para o desenvolvimento da histeria guerreira, impede igualmente no mesmo caminho um certo grupo de países.

Eisenhower falou das enormes despesas do governo americano com os canhões e os morteiros, os bombardeiros e os caças, os contra-torpedeiros e os navios de guerra, sem esquecer a esse propósito o tão gabado pacto agressivo do Atlântico Norte. Ora, sabe-se que a política inspirada pelo pacto do Atlântico (Continua na pag. seguinte)

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL FUNDADA NO RESPEITO AOS DIREITOS DOS POVOS

Não sem razão, o presidente ligou em seu discurso a questão da redução dos armamentos à necessidade de dar maior atenção aos problemas econômicos, aos problemas da luta contra a pobreza e a miséria. Entretanto, é pouco provável que se satisfaça a quem quer que seja, reduzindo a questão a um certo «fundo de ajuda ao mundo inteiro», do qual se trata no discurso.

Não basta dar a tal «fundo» um rótulo pomposo.

Os resultados serão inteiramente diferentes se esse problema for abordado na base de uma cooperação realmente ampla e democrática entre os países, num respeito total dos direitos soberanos dos povos e sem que aos países beneficiados pela ajuda sejam impostas condições políticas.

Por ora, o que o presidente diz sobre o «fundo de ajuda ao mundo inteiro» dá a impressão de que se trata de nova variante do «plano Marshall», que não cumpriu suas promessas, e, ao mesmo tempo, da continuação, sob outro nome, do impopular «ponto IV de Truman», que visava, por meio de esmolas irrisórias a tais ou quais Estados débeis, subordinar o orçamento e a economia de

certos países e de territórios coloniais — bem como esses próprios países e territórios — aos chamados objetivos «dinâmicos» da política externa dos Estados Unidos.

Segundo parece agora se procura ir mais longe nesse mesmo caminho.

Não se pode deixar de levar em conta o fato de que nestes últimos tempos ocorre que a «ajuda» econômica norte-americana é asertamente repelida, como se vê pelo exemplo da Birmânia e certos outros Estados.

Sabe-se também que nestes últimos tempos certo número de Estados declararam expressamente que se interessam menos no que se chama «ajuda» dos Estados Unidos do que em ver os Estados Unidos deixarem de erguer constantemente novos obstáculos no caminho do desenvolvimento de um comércio normal entre os Estados, no caminho da ampliação do comércio internacional.

A situação chegou ao ponto em que mesmo nos países aderentes ao bloco dirigido pelos Estados Unidos, e principalmente na Inglaterra, protesta-se cada vez mais ruidosamente contra as restrições do comércio com os Estados do campo democrático, restrições ditadas pelos Estados Unidos.

Comissão do Congresso dos Povos em Defesa da Paz Resposta do Governo Soviético



Viatcheslav Molotov

O Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Viatcheslav Molotov, enviou em 27 de abril, a Paris, a resposta do governo soviético à Comissão do

ciarem negociações com o objetivo de concluir um pacto de paz entre as cinco grandes potências, que diz:

«A Comissão do Congresso dos Povos em Defesa da Paz: Frederic Joliot Curie, da França; Pietro Nenni, da Itália; Isabelle Blume, da Bélgica; General Buxbaum, do Brasil; Cheng Shen Yu, da China; Pierre Cot, da França; Nicolai Tikhonov, da URSS; Ilya Ehrenburg, da URSS; Sacerdote James Encicott, do Canadá; Mônica Felton, da Grã-Bretanha; J. B. Giggins, da Grã-Bretanha; Sacerdote Forbek, da Noruega; Professor Iwaszkiewicz, da Polónia; General Jara, do México; Kitchliu, da Índia; Ma Yin Chu, da China; Sya. Ceza Nabarawi, do Egito; Mao Dum, da China; Giuseppe Nitti, da Itália; Joseph Wirth, da Alemanha; Goro Hani, do Japão.

Estimados senhores: o governo soviético recebeu vosso telegrama de 27 de março do ano corrente, enviado por Pietro Nenni, Frederic Joliot Curie e o Chanceler Wirth, encarregados pela Comissão, com

o Apelo do Congresso dos Povos em Defesa da Paz, que apresenta a proposta para a conclusão de um pacto de paz entre as cinco grandes potências, URSS, EE.UU., República Popular da China, Grã-Bretanha e França.

O governo soviético, seguindo sua política de reforçamento da paz e de colaboração entre os povos, solidariza-se com o apelo do Congresso dos Povos em Defesa da Paz e com a proposta nele contida. O governo soviético está convencido de que não existe qualquer problema divergente ou não resolvido que não possa ser solucionado pacificamente à base da concordância entre os países interessados. Neste sentido o governo soviético declara a sua permanente disposição de colaborar com os governos dos outros Estados para a consecução dos elevados objetivos de reforçamento da paz universal e da segurança internacional.

Por incumbência do governo soviético, Viatcheslav Molotov, Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS,

SÓBRE O DISCURSO DO PRESIDENTE EISENHOWER

(Cont. da pag. anterior)

Norte significa despesas colossais em armamentos, incessantemente renovadas. Basta lembrar que enorme dispêndio dos recursos obtidos dos contribuintes americanos representam a construção e a manutenção de bases militares a milhares de quilômetros dos Estados Unidos, particularmente em territórios que se pretende utilizar com propósitos de agressão contra a U.R.S.S.

O presidente citou algumas coisas mostrando o que custa a construção de um contra-torpedeiro e quanto se poderia economizar se bushels de trigo e toneladas de algodão, ou quantas escolas e hospitais se construiriam se se desistisse de produzir esses engenhos de guerra. Citou a esse propósito um bom número de cifras instrutivas. Mas o que foi dito pelo presidente é absolutamente insuficiente. Assim, se

o presidente dos Estados Unidos tivesse dito ao povo americano quanto esse povo paga pela acumulação de estoques de bombas atômicas, bem como a construção de centenas de bases militares longe das fronteiras dos Estados Unidos — o que nada tem de comum com os interesses, e a defesa dos Estados Unidos — então se teria um quadro muito mais próximo da realidade e muito mais instrutivo. Mas ele evidentemente considera que não é «conveniente» nem

vantajoso falar abertamente de tais questões. Todavia, o sentido real desse gênero de fatos não transparece menos por isso. O que aí se exprime é o curso da política externa que busca fins irrealizáveis de hegemonia mundial, o que provoca crescente resistência da parte de amplos círculos em numerosos países.

No que diz respeito ao país, é sabido que a União Soviética, preocupando-se sem cessar com o reergulimento e o desenvolvimento do pós-guerra de sua economia nacional, não se empenhou no caminho da corrida armamentista. Não somente a União Soviética não se empenhou nesse caminho, como apresentou por várias vezes propostas concretas convidando as grandes potências com os demais Estados, a tomarem medidas decisivas visando à redução dos armamentos, a uma redução imediata das forças armadas e das despesas militares, e ao mesmo tempo a se porem de acordo para proibir a arma atômica, instituindo um controle internacional eficaz da aplicação de todas essas medidas, a fim de excluir a possibilidade de violação dessas decisões por qualquer Estado que seja.

colitar a solução da urgente questão que é a redução dos armamentos.

Conclui-se, segundo Eisenhower, que o governo dos Estados Unidos teria sido sempre partidário de uma redução dos armamentos, enquanto a União Soviética se manteria em posições opostas e quase poria obstáculo a essa redução.

Isto constitui uma tentativa de fazer recair sobre a União Soviética a responsabilidade da corrida armamentista, realizada nos anos do pós-guerra pelos países do bloco anglo-americano. Todavia, tal tentativa não tem a menor base e só exprime o desejo de passar para outrem a própria culpa.

Com efeito, foi na União Soviética que se contaram louvores à guerra da Coreia e à corrida armamentista como um «business» vantajoso, como o melhor meio de assegurar a boa marcha dos negócios e o pleno emprego da população? E na União Soviética que existe o que se chama o «medo da paz» e as cotações das ações desmoronam na Bolsa quando se anuncia uma diminuição da tensão internacional? Tudo isso se passa não na União Soviética, mas nos Estados

Unidos. Que tem a ver com isso, pois, a União Soviética, que não necessita de corrida armamentista, que sempre foi por uma paz sólida e duradoura e que não tem medo da paz?

Eisenhower tem evidentemente razão quando diz que, depois da vitória sobre a Alemanha hitlerista, os caminhos da URSS e dos Estados Unidos divergiram. Mas, no discurso de 16 de abril de Eisenhower, esse fato recebeu uma interpretação inexata, pode-se mesmo dizer deformada.

Para quem se mantém no terreno sólido dos fatos, toda impressão nesse assunto desaparece por completo. Não se pode, com efeito, pôr de lado o fato de que os países do «bloco anglo-americano» que haviam sido aliados da União Soviética no curso da última guerra mundial mudaram a orientação de sua política logo após o fim dessa guerra. Sob numerosos aspectos, eles voltaram ao antigo caminho de antes da guerra, quando sua atitude em relação a URSS não podia de modo algum ser qualificada como amistosa e quando a política desses países era geralmente orientada num sentido oposto.

CONTINUIDADE DA POLÍTICA EXTERIOR DA U. R. S. S.

Não temos a intenção de nos lançar numa discussão com o presidente em torno de sua assaz estranha afirmação sobre um suposto «fim de certa era da política Soviética.» Mas não podemos receber sem pasmo sua conclusão segundo a qual o governo da União Soviética teve de «renunciar à continuidade de sua política externa, cuja justeza é demonstrada por todo o curso dos acontecimentos internacionais.

Se é preciso relacionar o começo ou o fim de uma era ao aparecimento de novas personalidades à frente deste ou daquele Estado, teríamos razão de falar do fim de uma era na política dos Estados Unidos, com relação à subida ao poder do governo Eisenhower. Mas, não se sabe por que, o presidente dos Estados Unidos toma ele próprio a defesa, sem qualquer reticência, de toda a política de seu antecessor, à qual

O PROBLEMA DA REDUÇÃO DOS ARMAMENTOS

Eisenhower aborda em seu discurso a questão da redução dos armamentos, à qual dedica cinco pontos. Da parte soviética não há evidentemente nada a objetar quan-

to à discussão objetiva das propostas contidas nesses pontos. Entretanto, todas essas propostas são de um carácter demasiado geral, o que está longe de poder fa-

A missão entreguista de Amaral Peixoto



Como um velho cacique semi-colonial, para o qual os negócios do Estado se confundem com os negócios de sua família, Getúlio mandou sua filha e o genro Amaral — Alzirinha e Alzirão, como diz o povo — rastejar aos pés dos americanos.

Os fatos não tardaram em demonstrar que Alzirão e o genro do Catete foram ajustar com os senhores do dólar o preço da venda do Brasil e prestar contas ao governo americano. Foi aprovado o Acordo Militar e, em seguida, foi assinada a papelada para o vergonhoso empréstimo de 300 milhões de dólares, que o Brasil terá de pagar com juros de agiota mas que ficarão nos Estados Unidos. De contra-peso, Amaral obteve ainda um empréstimo para o Estado do Rio.

Todos esses assuntos se entrelaçam com outro grande negócio, com outra grande traição do genro presidencial — o petróleo, a entrega do petróleo. Como é público e notório, Amaral Peixoto é figura de proa na negociata das refinarias cujas concessões foram feitas a grupos testa-de-ferro dos monopólios ianques ainda no tempo da ditadura Dutra. Ele faz parte do grupo Max Leitão que é sabidamente subsidiário da Standard Oil. E está, portanto, interessado pessoalmente nas manobras entreguistas. Pode-se saber que compromissos Amaral Peixoto assumiu em nome de Getúlio pelas emendas que Getúlio mandou fazer por intermédio do senador vende-pátria, Oton Mader, tornando a entreguista Petrobrás ainda mais entreguista.

Sómente o lacaio João Neves, o chanceler do Acordo Militar e da alienação da soberania nacional, tem recebido honrarias e homenagens dos monopolistas ianques tão grandes como as que são agora conferidas ao casal Amaral Peixoto. Os motivos são os mesmos, todos estão igualmente empenhados na mesma obra de infame entreguismo, de ignominiosa traição.

A imprensa venal trombeta o êxito da missão entreguista de Amaral Peixoto. Mas cada uma de suas manchetes serve para alertar nosso povo contra sua ação criminosa, para a necessidade de intensificar a luta patriótica e impedir que nosso povo se torne escravo dos banqueiros e generais americanos, para dar um ponto final nesse regime de vendilhões da pátria.

O Povo de Laos Luta Por Sua Libertação

«A «invasão do Laos» não passa de uma cinica provocação inventada pelos imperialistas ianques franceses para justificar a criação de um novo foco de guerra, a fim de substituir eventualmente a guerra na Coreia. No sentido em que falam, John Foster Dulles e René Mayer, o Laos já foi «invadido» desde 1948, quando os patriotas iniciaram a luta armada contra o opressor, libertando um quarto do território do Laos. Além disso, a luta do povo do Laos não pode ser considerada isoladamente: existe uma única luta, dos povos da Indochina (Vietnã, Camboja e Laosianos) contra o opressor francês, dirigida por uma organização de frente única, o Lien-Viet. Agora, sou a hora de varrer os opressores do Laos. Os exércitos populares, libertam o resto do país e avançam em direção a Vietnam onde se encontra o governo fantoche dos franceses, e à base de Sing Wong, como se vê no mapa anexo.



COMO RESOLVER AS QUESTÕES INTERNACIONAIS EM LITÍGIO

O presidente declarou em seu discurso que está pronto a saudar toda proposta com autênticas intenções pacíficas. Ao mesmo tempo, coloca a questão: que conta faz a União Soviética?

Sabe-se que a União Soviética sempre se declarou pronta a discutir e a decidir por via amistosa todas as questões internacionais amadurecidas, com a condição de que as soluções propostas, sejam quais forem seus autores, sejam aceitáveis e não se choquem com os interesses fundamentais do povo soviético, como dos outros povos pacíficos.

O presidente dos Estados Unidos, não se sabe por que, achou oportuno em seu discurso relacionar essas propostas de paz a toda uma série de condições prévias que ele estabelece para a União Soviética, embora essas condições não comportem em seu discurso obrigações correspondentes da parte dos Estados Unidos.

Tal maneira de colocar a questão já provocou uma reação legítima nos meios internacionais das mais diversas tendências.

Ela não podia deixar de surpreender as pessoas capazes de formular um julgamento realista, tanto sobre o fundo dos problemas internacionais amadurecidos como sobre a correção real das forças e dos fatos que caracterizam a situação internacional. O jornal inglês «Times» observou muito justamente que «nenhum país — fosse a União Soviética ou os Estados Unidos ou a Inglaterra — aceitará discutir medidas de paz em termos incondicionais».

Sabe-se que os dirigentes soviéticos não fazem depender seu apoio por uma solução pacífica dos problemas internacionais de nenhuma exigência prévia dirigida aos Estados Unidos ou a outros países, aderentes ou não ao Bloco anglo-americano. Isto significa que a parte soviética não apresenta nenhuma condição? Não. Apesar disso, os dirigentes soviéticos saudarão toda demarcação do governo dos Estados Unidos ou do governo de outro país, se ela visar à solução amistosa das questões em litígio. Isto mostra que, do lado soviético, se está pronto a uma discussão séria, concreta, dos problemas pendentes, tanto pela via das conversações diretas como nos casos em que isto for necessário nos quadros da ONU.

Foi dito no discurso do presidente que, na solução das questões internacionais em litígio, «os Estados Unidos estão prontos a assumir uma parte equitativa». Nada veio confirmar esta declaração feita no discurso de 16 de abril de Eisenhower. No entanto, essa declaração precisa ser confirmada.

No que diz respeito à URSS não há nenhum motivo para duvidar que ela está pronta a assumir a parte que lhe cabe na solução das questões internacionais em litígio. Isto, a União Soviética já o demonstrou mais de uma vez nas questões internacionais importantes.

Tal é a situação internacional, como se mostra em nossos dias.

A política executada pela União Soviética não pode estar em contradição com os interesses dos outros Estados que desejam a paz. Ela corresponde às aspirações de todos os Estados dispostos a contribuir para o desenvolvimento da cooperação internacional, independentemente deste ou daquele sistema social. Esta política da URSS é ao mesmo tempo a expressão das aspirações mais profundas de nosso povo no sentido da consolidação e reforçamento da paz mundial.

...E o Império Nazista foi Destruído!

Comemorando o oitavo aniversário da vitória, os povos tomam em suas mãos a causa da paz



As gloriosas pedras do Kremlin e da Praça Vermelha, presenciaram após a vitória sobre o nazismo, este inolvidável e simbólico espetáculo: as bandeiras e disticos fascistas alemães derrotados, passam pelas mãos dos vencedores.



O soldado soviético Meliton Kantaria coloca a bandeira vermelha sobre as ruínas do Reichstag

Os povos não queriam a guerra. Mas não puderam impedi-la. Os fabricantes de armamentos, os sinistros negociantes de carne de canhão, conseguiram pôr nas mãos dum assassino como Hitler a mais monstruosa máquina militar da história. Os chefes políticos dos Estados imperialistas encorajaram a agressão por todos os meios. A guerra foi preparada sob a bandeira do anti-comunismo. Os povos pagaram um tributo pesadíssimo de sangue, suor e lágrimas. Mas, graças à União Soviética, foi destruído no seu covil o principal inimigo da paz e do gênero humano.

VITÓRIA! VITÓRIA!

No dia 8 de maio de 1945 o alto-comando alemão assinava, em Berlim, a ata da capitulação incondicional das forças armadas alemãs. A bandeira da União Soviética foi hasteada no topo do Reichstag em ruínas. Terminava, na Europa, a maior guerra da história, com a vitória completa sobre o fascismo. «Desde agora — afirmaria o grande Stálin no dia seguinte — tremulará sobre a Europa a grande bandeira da liberdade dos povos e da Paz entre os povos».

Três anos antes Hitler berrara para o mundo: «Aniquilaremos a Rússia para que nunca mais possa levantar a cabeça!» E Goebbels anunciava pelo rádio: «Dentro de umas oito semanas, no máximo, a Rússia estará derrotada. O Exército Vermelho, porém, reduziu a pó os projetos insanos dos monstros fascistas. Graças à União Soviética, os povos saíram vitoriosos, a humanidade foi salva da escravidão e da barbárie fascista».

A URSS É INVENCÍVEL

A grande guerra anti-nazista provou, de maneira definitiva, aos olhos do mundo inteiro, a superioridade do sistema socialista sobre o sistema capitalista, provou a força inabalável do regime soviético. O Estado soviético foi submetido à prova mais dura por que já passou qualquer outro Estado em qualquer tempo. Em 6 de novembro de 1942, ainda e meio à luta, Stálin acentuava: «Creio que qualquer outro país nem qualquer outro exército teria podido resistir a uma tal arremetida dos ferozes bandos de saqueadores fascistas alemães e seus aliados. Somente nosso País Soviético e unicamente nosso Exército Vermelho são capazes de resistir a esta arremetida». E não só de resistir a ela, mas de vencê-la».

PERDAS DA URSS E PERDAS DE OUTRAS NAÇÕES

Perdas humanas da URSS 17.500.000 homens
(1 soldado para cada 22 habitantes)
Perdas humanas da Inglaterra 305.700 homens
Perdas humanas dos EE.UU. 295.904 homens
(1 soldado para 500 habitantes, ou seja, menos que o número de vítimas de acidentes do tráfego de 1941 a 1945)

PERDAS DA ALEMANHA NAZISTA

Perdas nas frentes soviéticas 3.020.000 homens (91% do total)
Perdas em todas as demais frentes 280.000 homens (9% do total)

RUINAS DE GUERRA

Nos ESTADOS UNIDOS:	Na U.R.S.S.:
— ZERO —	1.710 cidades
	70.000 aldeias
	6 milhões de casas
	\$1.850 empresas industriais
	100.000 explorações agrícolas
	65.000 Kms. de estradas de ferro
	40.000 hospitais
	84.000 escolas.
	25 milhões de pessoas sem abrigo

A HUMANIDADE DEVE A VITÓRIA A UNIÃO SOVIÉTICA

A União Soviética suportou o principal peso da guerra. Graças ao heroísmo sem par dos povos soviéticos, dirigidos por seu genial comandante, o generalíssimo Stálin, as hordas fascistas foram derrotadas, Hitler não pôde conquistar o mundo. Muito antes dos aliados terem aberto a 2.ª frente, já os soldados soviéticos haviam destruído as principais forças alemãs na frente de Moscou e no sul da Rússia. A ajuda em suprimentos de guerra por parte da Inglaterra e dos EE.UU. foi, sem dúvida, valiosa, mas não teve importância decisiva no desfecho da guerra, como mostra o quadro abaixo:

NOS 4 ANOS DE GUERRA

A URSS produziu:	Fornecidos pelos ALIADOS:
140.000 aviões	11.384 aviões (8%)
100.000 tanques	9.224 tanques (9%)
400 mil canhões	5.350 canhões (1,33%)
775 milhões de obuses	40,2 milhões de obuses (5%)
22 bilhões de cartuchos	1.316 » de cartuchos (6,4%)
20 milhões de fuzis	Nenhum fuzil (zero por cento)

POR QUE LUTARAM OS POVOS NA 2.ª GUERRA MUNDIAL?

Os povos lutaram contra a escravidão fascista, pela Paz, pela independência nacional dos povos e pelas liberdades democráticas.

«Nossa guerra pela liberdade da Pátria, se fundirá com a luta dos povos da Europa e da América por sua independência, pelas liberdades democráticas», disse Stálin logo depois da pérfida agressão da Alemanha fascista à URSS. E, em seu histórico discurso aos eleitores, após a vitória, salientava que, a segunda guerra mundial, diversamente da primeira, «tomou, desde o início, o caráter de uma guerra antifascista, libertadora, da qual um dos objetivos era, igualmente, o restabelecimento das liberdades democráticas».

Com tais e tão nobres objetivos os povos foram à guerra. Em defesa de sua soberania atingida e da independência nacional, em defesa de seu futuro democrático, o Brasil, por pressão do nosso povo, ingressou na guerra e deu sua contribuição de sangue ao grande combate contra o fascismo. Nossos pracinhas embarcaram para a Itália para acabar com a tirania fascista, defender a existência do Brasil como nação e conquistar para o nosso povo melhores dias, dias de liberdade e paz.

NOSSA GRATIDÃO ETERNA A URSS

Se a União Soviética não tivesse derrotado o nazismo, à custa de sacrifícios inauditos, nossa pátria, o Brasil, não seria hoje uma nação independente. Seríamos uma colônia dos fascistas alemães, para os quais não passávamos de uma povo de «sangue sujo». Por isso é eterna a gratidão de nosso povo para com o país de Stálin. Por isso, milhões de brasileiros repetem com força as solenes palavras do maior dos brasileiros, Luiz Carlos Prestes: «Nosso povo jamais fará a guerra à União Soviética!»

Não. Nosso povo não participará de qualquer agressão a seus irmãos da URSS, da China, da Coréia, do Viet-Nam e dos países da Democracia Popular. Junto com os demais povos nosso povo lutará, sim, mas pela Paz em defesa da independência da pátria atingida pelo «Acórdo Militar», em defesa das liberdades democráticas, pela conquista de dias melhores, de liberdade, abundância e bem-estar.

OS HERDEIROS DE HITLER AMEAÇAM O MUNDO

Terminada a guerra, os homens dos tristes americanos, que nela ganharam rios de dinheiro, saíram em campo para roubar aos povos os frutos da vitória. Visando assegurar seus fabulosos lucros, ressuscitaram o fascismo sob novas roupagens, passaram a espezinhar os direitos dos povos, entraram a destruir as liberdades democráticas ali onde meteram as patas e encetaram a empreitada de lançar o mundo numa nova e mais terrível carnificina. Como Hitler, os fascistas lanques empunharam a bandeira imunda do anti-comunismo e saíram a pregar a cruzada contra a União Soviética. Inventaram a doutrina do «Estados Unidos — país eleito». O gal. Bradley, Chefe do Estado-Maior lanque proclamou a 20 de março de 1952: «Nós, os americanos, encontramos-nos agora numa situação que implica na direção do mundo».

Os imperialistas norte-americanos passaram a agredir outros povos, a assenhorear-se de outros países, pregando o fim da soberania das nações e sua subordinação aos EE.UU. James Burnham, teórico do expansionismo lanque, afirmou em seu livro «Pelo domínio do mundo»: «O sistema atual, com numerosas nações soberanas é um sistema que não pode mais subsistir».

Em toda parte, os magnatas americanos sustentam hoje os governos anti-populares que, em troca, — como o governo de Getúlio — entregam-lhes as riquezas da nação e comprometem seu país na empreitada guerreira dos fascistas lanques.

Um novo perigo paira sobre a humanidade. Novamente se encontra ameaçada a paz. A independência nacional e as liberdades democráticas são atingidas pela sanha dos novos conquistadores. Os povos dominados pelo capitalismo são vítimas da miséria e da fome, agravadas pela política de guerra de seus governos. Os herdeiros de Hitler pregam a destruição da URSS.

DEFENDEMOS A PAZ

Os povos não querem a guerra. Mas hoje podem fazer valer sua vontade de paz. Podem deter o braço assassino dos sinistros negociantes de carne de canhão. Com a vitória os povos conquistaram o poderoso campo da paz, liderado pela gloriosa União Soviética. Milhões de seres humanos em todos os países unem-se para impedir o massacre atômico, lutam diariamente contra a rede de mentiras com que os incendiários de guerra pretendem enganar e arrastá-los ao matadouro.

Os povos festejam a grande vitória histórica sobre o canibalismo nazi-fascista mais decididos do que nunca a tomar a causa da manutenção da paz em suas mãos e defendê-la até o fim».

Não há Previdência Social Onde não existe salário justo

OS TRABALHADORES CARICIAS DENUNCIAM O GOVERNO E OS PATRÕES, NAS TESES, MOÇÕES, E RESOLUÇÕES TOMADAS EM SEU CONGRESSO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL
STÊNIO CARVALHO



Delegados têxteis, alfaiates, metalúrgicos, vidreiros, sapateiros e de outros setores, participaram do Congresso de Previdência Social

EMPUNHANDO cartazes e flâmulas, eles prorromperam a uma só voz que ecoou em todo o recinto do Teatro João Caetano: «Os alfaiates saudam este Congresso, protestando contra a intervenção em seu sindicato!» Instalava-se então, o I Congresso Regional de Previdência Social do Distrito Federal.

Com o mesmo espírito, os trabalhadores acompanharam a atuação de cerca de 60 delegados de sindicatos, Federações e Confederações que debateram durante 4 dias, os problemas da Previdência Social, preparando-se com isso para o próximo Congresso Brasileiro.

O hino nacional correu o ato de instalação, cantado por cerca de mil trabalhadores presentes, em homenagem a Altair Paula Rosa e outros mártires da classe operária, assassinados pela polícia.

O que revelaram os debates, teses e resoluções, a respeito do estado da Previdência Social no Brasil? Revelaram que as aposentadorias e pensões são miseráveis. O valor médio das aposentadorias do IAPI, em 1952, foi de 764 cruzeiros e das pensões, 370 cruzeiros. Revelaram que os Institutos que deveriam ser administrados pelos trabalhadores, constituem-se em seborrios desalmados que os despejam dos conjuntos residenciais porque se atrasam nos alugueis, enquanto o governo não paga a sua dívida que já orça em 12 bilhões de cruzeiros. Revelaram que o governo concede moratória aos industriais que usam esse dinheiro para aumentar os seus lucros e explorar os trabalhadores. Conclui-se, portanto, que

não há previdência social no Brasil. Por isso, os trabalhadores tomam medidas: reúnem-se, discutem, organizam-se, a fim de conseguir uma assistência mais digna e mais humana. Tomam resoluções como a de que seja providenciada a cobrança executiva de todas as dívidas particulares e da União para com os Institutos; que seja reduzido para 4 por cento a contribuição dos trabalhadores e aumentada a dos empregadores e do Estado para 8 por cento.

E, O PELEGO NÃO PODE FALAR

O governo de Getúlio que se enfeita de defensor dos trabalhadores, que diz defender a liberdade sindical é, ao contrário, inimigo acérrimo dos sindicatos, inimigo da liberdade e autonomia sindicais, como no caso do Sindicato dos Alfaiates que está sob uma brutal intervenção.

O Congresso tomou posição contra isso. E o pelego que aceitou a incumbência de intervir no sindicato e que, no Congresso quis fazer valer o seu voto, foi repudiado. — «Não!» — gritaram todos. «Esse homem não pode falar em nome de ninguém!». E, o pelego não pôde falar, apesar de estar acompanhado de outro elemento policial que, estranho, queria a toda força que o interventor deitasse a sua arenga.

Mas, o plenário não queria traidores da classe naquele recinto! Queria ouvir um seu companheiro, digno de representar os alfaiates. E' assim que a classe operária trata os seus inimigos; escova-os do seu meio. Disse Waldemar Viana, presidente do sindicato de bebidas: «Não admito interventores no meio dos trabalhadores. O punhal que caiu sobre os alfaiates poderá, dum momento para outro, atingir qualquer um de nós».

O PLENÁRIO TODO CONTRA A CARESTIA

Como não podia deixar de ser, o Congresso tinha de encarar seriamente o problema da carestia, pois a classe operária é a vítima principal, a que primeiro sofre suas consequências. Aumentam de dia para dia os preços enquanto os salários permanecem congelados. Daí, a relação direta existente entre o custo de vida e a previdência social, pois, as já ridículas aposentadorias e pensões ficam valendo muito menos.

Eis por que foi apresentada a importante tese defendendo o conceito de que não há previdência social onde não há salário justo e vida barata. Atitude surpreendente, porém, tomou a mesa pela incompreensão de alguns e má-fé de outros, dizendo que essa tese fugia ao objetivo do Congresso. Mas, o plenário, unanimemente, sem exceção, sem voz discordante, apoiou essa tese que vinha ao encontro das preocupações dos trabalhadores. E, a tentativa de mesa de abandonar o Congresso, carregando as atas e demais documentos, chocou profundamente o plenário. Entretanto, a mesa recuou, sentindo que ninguém a acompanhava e medindo a sua responsabilidade naquela atitude. Foi, então, que o plenário aprovou a moção contra a carestia e os baixos salários.

UNIDADE PARA A VITÓRIA DO CONGRESSO BRASILEIRO

Quando se tratou de tomar as decisões finais, principalmente a respeito do próximo Congresso Brasileiro, quase na hora do encerramento, as opiniões se dividiram. Uma corrente queria que o Congresso ficasse em sessão permanente enquanto outra se batia por uma Comissão Permanente.

Tratava-se de uma questão prática. A votação, terminou com um empate. Por voto de Minerva, o presidente desempatou decidindo pela Comissão Permanente e indicando os 7 membros para compô-lo, organizando-a de modo tal que puderam participar trabalhadores de ambos os lados. Restabeleceu-se a unidade. O plenário ratificou a decisão da mesa. A Comissão Permanente atuará prestigiada e apoiada por todos.

NOS 4 CANTOS DO MUNDO

PROVOCAÇÃO «INQUALIFICÁVEL»

Terminou a troca de prisioneiros doentes e feridos na Coreia. As negociações para o armistício prosseguem, apesar da sabotagem de toda ordem dos belicistas americanos. Entre as provocações levantadas, ultimamente para torpedear o clima de entendimento, figura a monstruosa iniciativa do gal. Clark, propondo prêmios em dinheiro para os aviadores sino-coreanos que trouxeram seus aparelhos «MIG» para o campo americano e para os soldados que traíram sua pátria. A brutalidade e o cinismo do gesto do comandante americano chocou a opinião pública, mesmo entre os aliados dos EE. UU. O parlamentar britânico Lord Chorley tachou de «inqualificável» a atitude de Mark Clark, acrescentando: «Na história das guerras, essa é uma das coisas mais terríveis que já sucederam».

PASSOS A FRENTE

A Federação Sindical Mundial dirigida e chamada «Confederação Internacional dos Sindicatos Livres» preparando um encontro entre os representantes das duas organizações para o estudo de ações comuns em defesa da Paz e das necessidades econômicas e sociais dos trabalhadores.

O Presidente Estensev anunciou que a Bolívia estabelecerá relações diplomáticas com as democracias populares, a começar pela Tchecoslováquia.

No segundo escrutínio das eleições municipais francesas (para as comunas com menos de 9.000 habitantes) os comunistas obtiveram ainda mais votos do que no primeiro. Milhares de eleitores socialistas votaram no P.C.F.

PELO PRIMEIRO LUGAR NA DIFUSÃO DA «VOZ OPERÁRIA»

SENSACIONAL EMULAÇÃO ENTRE AS SUCURSAIS DO QUERIDO SEMANÁRIO DE LUIZ CARLOS PRESTES EM PORTO ALEGRE, SÃO PAULO, SALVADOR, RECIFE E FORTALEZA

Entre os prêmios instituídos: uma máquina fotográfica e uma coleção de dez obras literárias «Prêmios Stálin»

Como havíamos prometido em nossa edição anterior, publicamos hoje as bases do plano de emulação entre as sucursais da VOZ OPERÁRIA, primeiro e importante passo para a conquista de milhares de novos leitores para o querido semanário de Luiz Carlos Prestes.

Na fraternal disputa a partir desta edição até 1.º de agosto, as sucursais da VOZ foram divididas em dois grupos: o primeiro constituído pelas sucursais de S. Paulo e Porto Alegre; e o segundo pelas sucursais de Salvador, Recife e Fortaleza.

OBJETIVOS DA EMULAÇÃO: Em primeiro lugar, entre os objetivos deste plano de emulação, figura o aumento da circulação da VOZ OPERÁRIA. Quando o povo brasileiro, tendo à frente o nosso heróico proletariado, se

lança a vigorosa luta pela paz, as liberdades democráticas, a libertação nacional, contra a carestia e demais reivindicações, é de ver a importância decisiva que assume o aumento da circulação da VOZ OPERÁRIA. Atenção especial deverá ser dada, então, ao aumento da circulação da VOZ nas grandes empresas e grandes concentrações camponesas. Em ligação com o aumento da circulação, e para que o jornal possa viver com presteza e de modo justo os principais acontecimentos nos Estados e regiões do país, o plano tem um capítulo relativo às colaborações. Por fim, o plano oferece às nossas sucursais uma oportunidade para a regularização de sua situação com a gerência da Matriz, estimulando também o fomento do jornalismo à VOZ OPERÁRIA.



Circulação

1º grupo

S. Paulo — aumento de 30% sobre a cota do n.º 207 1.000 pontos
P. Alegre — aumento de 30% sobre a cota do n.º 206 1.000 pontos

2º grupo

Salvador — aumento de 50% sobre a cota do n.º 207 1.000 pontos
Recife — aumento de 25% sobre a cota do n.º 205 1.000 pontos
Fortaleza — aumento de 100% sobre a cota do n.º 206 1.000 pontos

Para ambos os grupos

Cada 10% de aumento sobre os primeiros 50% das cotas acima 100 pontos
Cada 10% de aumento sobre os últimos 50% das cotas acima 200 pontos
Cada nova banca de venda da VOZ 100 pontos
Cada nova agência instalada para venda e distribuição da VOZ 500 pontos
Para o primeiro colocado (percentagem mais alta) 500 pontos

Números de exemplares vendidos em novas empresas em relação às cotas respectivas

Para os demais colocados, desde que tenham atingido pelo menos uma nova empresa, de 400 a 100 pontos, respectivamente.



COLABORAÇÕES

Prêmios

Maior percentagem de cartas de leitores em relação à difusão 300 pontos
Melhor capa (fotografias, desenhos) e respectiva reportagem 500 >
Melhor reportagem do mês 200 >
Organização de uma redação nas sucursais .. 200 >
Funcionamento da redação com plano respectivo 300 >
O não funcionamento da redação acarretará a perda de 200 pontos.

Recuperação e ajudismo

Pagamento semanais em dia 300 pontos
Pagamento total da dívida atual 700 >
Pagamentos parcelados da dívida: serão contados na proporção 200 >
Pagamento adiantado, por pedido 200 >
Edições impressas e em circulação sem atraso 300 >
Edições mal impressas acarretarão a perda de 200 pontos. O não pagamento das cotas semanais determinará a perda de pontos; não serão contados os pontos de exemplares não pagos.
Cada 100 cruzeiros de ajudismo levantados pela Sucursal 50 pontos

Uma máquina fotográfica no valor de Cr\$. 1.500,00 para o vencedor do 1.º grupo. Papel para uma edição (com aumento da cota) para o vencedor do 2.º grupo.
O campeão da emulação, ou seja, a Sucursal que no conjunto fizer o maior número de pontos, receberá uma coleção de 10 (dez) obras literárias soviéticas laureadas com o Prêmio Stálin.
I M P O R T A N T E: Um prêmio especial será entregue à Sucursal que mais haja contribuído com experiências e novas iniciativas para aumentar a difusão da VOZ OPERÁRIA.



DE 9 DE MAIO A 1.º DE AGOSTO

A emulação durará pouco menos de 3 meses, pois terá início hoje, 9 de maio, e se encerrará a 1.º de agosto. Quinzenalmente, serão feitas apurações e a primeira terá lugar no próximo dia 23.

Pedimos às nossas sucursais que nos enviem sempre a tempo os resultados que forem alcançando, bem como as experiências, a fim de que as divulguemos e possam ir sendo aplicadas por ou-

tras sucursais. Alcançar o 1.º lugar no aumento da difusão do jornal de Prestes é uma grande honra e por isso, todas as nossas Sucursais se lançarão com entusiasmo na tarefa!

Para estudar e aplicar o informe de Prestes

A LUTA PELA PAZ

FATOS E CIFRAS

O PROCESSO DE DESAGREGAÇÃO DO CAMPO DO IMPERIALISMO

«Não viamos com a necessária clareza o processo de desagregação já existente no campo das forças do imperialismo e da guerra... Tais contradições tendem a tornar-se mais fortes e decisivas que as contradições entre os dois campos em que se acha hoje dividido o mundo e podem levar efetivamente à guerra entre os países capitalistas».

(Do Informe de PRESTES)

Contradições entre os EE. UU. e a Inglaterra:

— Os EE. UU. procuram liquidar o predomínio Inglês na «area da libra» e o sistema de tarifas preferenciais dentro do Império Britânico.

— A Inglaterra luta para aumentar suas exportações, manter seus mercados e conquistar novos.

— Luta entre os ingleses e americanos pelo controle do petróleo do Iran e de todo o Oriente Médio; disputa pelo controle do Egito e do canal de Suez.

— A Inglaterra protestou contra sua exclusão do Pacto do Pacífico, através do qual os EE. UU. procuram dominar o Extremo Oriente.

Outras contradições inter-imperialistas:

— Os EE. UU. procuram expulsar a França da Tunísia e do Marrocos para apoderar-se destas colônias.

— Em Outubro de 1952, o primeiro ministro francês desenvolveu ao Embaixador americano uma nota que exigia maiores verbas militares.

— A reunião do carvão alemão e da metalurgia francesa no Plano Schuman cria uma grave ameaça para a indústria siderúrgica inglesa.

— A Alemanha Ocidental já disputa o terceiro lugar à França no comércio mundial e conquista mercados ingleses e americanos.

— A França procura impedir a predominância da Alemanha no Exército Europeu e disputa com ela a posse do Sarre.

— O volume da exportação de tecidos do Japão já é duas vezes maior que a dos EE. UU. e uma vez e meia maior que a da Inglaterra.

CONTRADIÇÕES INTER-IMPERIALISTAS NO BRASIL

«Na luta de nosso povo em defesa da paz, contra a política colonizadora, agressiva e guerreira dos imperialistas ianques, podem e devem os trabalhadores encontrar aliados até mesmo entre setores abastados da burguesia brasileira e dos produtores agrícolas e pecuários, setores que se sentem prejudicados com a crescente pressão econômica dos Estados Unidos em nosso país e que por isso buscam apoio nos círculos financeiros e comerciais de outros países capitalistas, como a Grã-Bretanha, a Alemanha Ocidental ou o próprio Japão».

(Do Informe de PRESTES)

CONCORRÊNCIA INGLESA

— Viagem ao Brasil de Lord Reading, sub-secretário dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, em novembro de 1952, com o fim de colocar aqui os excedentes exportáveis ingleses.

— Expansão no Brasil, após a guerra, de indústrias inglesas, como a fábrica de pneus «Dunlop».

— Grande concorrência dos automóveis baratos ingleses, que terão no Brasil uma oficina de montagem.

— A «Vickers Armstrong» anuncia a instalação de uma empresa metalúrgica em Minas.

Concorrência alemã:

— Instalação em Minas do grupo alemão «Mannesman» com uma grande fábrica de tubos de aço sem costura.

— O truste alemão «Kloekner» anuncia a próxima instalação da maior usina de aço do Brasil, em Vitória, com uma produção de 400 mil toneladas.

— A fábrica de automóveis alemã «Mercedes Benz» já comprou em São Paulo o terreno para sua linha de montagem. A «Volkswagen» montará no Brasil carros do tipo popular.

— A «Krupp» está em negociações para instalar no Brasil uma fábrica de locomotivas.

O CARÁTER E OS OBJETIVOS DO MOVIMENTO PELA PAZ

«O atual movimento dos partidários da paz... não luta pela derrubada do capitalismo, mas simplesmente por impedir a atual ameaça de guerra, pela conservação da paz em proveito das grandes massas populares».

(Do Informe de PRESTES)

Tarefas definidas no Apelo do Congresso dos Povos pela Paz, realizado em Viena:

— «Consideramos que não há divergências entre os Estados que não possam ser resolvidas por meio de negociações...»

— «Dirigimo-nos aos governos das 5 grandes potências; pedimos-lhes que iniciem imediatamente negociações com o fim de concluir um Pacto de Paz...»

— «Reclamamos a terminação imediata de todas as hostilidades na Coreia, no Viet-Nam, no Laos, no Camboja e em Malaca...»

— «Proclamamos o direito de todos os povos a dispor de si mesmos, a escolher seu modo de vida, sem nenhuma intervenção em seus assuntos internos...»

— «Exigimos a proibição absoluta da arma biológica, das armas atômicas e de todas as armas de extermínio das populações civis...»

— «Estamos certos de que um controle internacional eficaz permitirá pôr em prática o desarmamento geral, simultâneo, progressivo e proporcional...»

— «Chamamos os povos do mundo a lutar por um espírito de negociações e de entendimento, pelo direito dos homens à paz!»

ÊXITOS E DEBILIDADES DA LUTA PELA PAZ NO BRASIL

«A luta pela paz é, sem dúvida, a tarefa central e decisiva de nosso Partido e nela temos conseguido alguns êxitos significativos».

(Do Informe de PRESTES)

— 4 milhões e 200 mil assinantes no Apelo de Estocolmo pela proibição da bomba atômica, 5 milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz.

— O governo de Vargas não conseguiu até agora enviar tropas brasileiras à guerra na Coreia.

— O Brasil enviou uma ampla delegação de 29 pessoas ao Congresso dos Povos pela Paz, da qual participavam deputados de vários partidos, operários, camponeses, comerciantes, industriais, fazendeiros e intelectuais.

— Grande campanha popular contra o Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos. 30 Camaras Municipais e 2 Assembleias Estaduais manifestaram-se contra o Acórdo.

«Os êxitos alcançados na luta em defesa da paz em nosso país não podem, porém, encobrir o fato de estar a luta pela paz muito longe ainda de representar o imenso sentimento de paz de nosso povo, seu ódio à guerra, sua oposição evidente à política de preparação para a guerra do go verno de Vargas...»

(Do Informe de PRESTES)

— O Congresso Nacional conseguiu aprovar e promulgar o infame Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos.

— O governo de Vargas prossegue na militarização do país: compra de aviões a jato; um terço do orçamento para despesas militares diretas.

— Não têm sido organizados em número suficiente amplos Conselhos de Paz, Comissões contra o Acórdo Militar, etc.

NOSSAS TAREFAS NA LUTA PELA PAZ

«Ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz devemos dar o nosso mais decidido apoio, ajudá-lo em suas campanhas e em seu esforço pela união e organização de todas as forças democráticas e partidárias da paz».

(Do Informe de PRESTES)

O atual movimento dos partidários da paz tem objetivos democráticos, visa salvaguardar a paz, e luta por isso, em nosso país.

— Contra a política de preparação para a guerra do atual governo;

— Contra o Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos;

— Contra o envio de soldados brasileiros para o estrangeiro;

— Contra as missões militares ianques em nosso país;

— Contra as despesas militares para a guerra;

— Contra a entrega aos ianques de nossos minerais e de produtos brasileiros para a guerra.

Nesta luta pela paz deve ser preocupação constante em nossa atividade:

— Intensificar ainda mais a luta por um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências.

— Exigir a cessação imediata das hostilidades na Coreia;

— Insistir na abertura de negociações para o desarmamento geral;

— Exigir a proibição imediata da guerra bacteriológica, das armas atômicas e de todas as armas de extermínio em massa;

— Reclamar uma solução pacífica para os problemas alemão e japonês, a conclusão de tratados de Paz para pôr termo à ocupação destes países.

«SEM CONFUNDIR, ENFIM, OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO MOVIMENTO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ COM OS OBJETIVOS PROGRAMÁTICOS REVOLUCIONÁRIOS DE NOSSO PARTIDO, PARTICIPAMOS ATIVAMENTE DA LUTA DEMOCRÁTICA EM DEFESA DA PAZ E SIMULTANEAMENTE NÃO POUAMOS ESFORÇOS PARA LEVAR ADIANTE A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO, CONVENCIDOS DE QUE ENQUANTO EXISTIR O IMPERIALISMO SERÃO AS GUERRAS INEVITÁVEIS.»

(LUIZ CARLOS PRESTES)

1º DE MAIO DE GETULIO: MAIS UM ATO DE TRAIÇÃO!

**DESAFIANDO O PATRIOTISMO DA CLASSE OPERÁRIA,
FEZ PROMULGAR O INFAME ACÓRDO MILITAR NAS
VÉSPERAS DO DIA DO TRABALHO**

O último Primeiro de Maio transcorreu num momento particular da história do proletariado brasileiro, num momento em que seu espírito de luta e de organização vêm de ser postos à prova em duros choques de classe. Nos últimos meses, centenas de milhares de trabalhadores, lutando contra a miséria que lhes procura impor a política dos grandes tubarões nacionais e estrangeiros que dominam o aparelho estatal em nossa terra, deram passos decisivos para a conquista de melhores dias para nosso povo.

Os têxteis de Pernambuco e do Distrito Federal, os metalúrgicos, têxteis e marceneiros de São Paulo, e dezenas de outras corporações ganharam a plena convicção de que o caminho da luta, sempre apontado pelos comunistas, é o justo caminho para a melhoria de sua situação. Por isso, uniram-se para o combate, e as vitórias que conquistaram sobre a reação são um magnífico exemplo para todo o povo trabalhador.

GETULIO REFUGIOU-SE EM VOLTA REDONDA

Esse ascenso do nível da organização da classe operária teve, além disso, outras consequências bem significativas. Temerosos daqueles que sempre procurou iludir, em quase vinte anos de governo, Getúlio, o chefe das forças reacionárias em nosso país não teve coragem de comparecer ao Estádio do Vasco da Gama, como vinha fazendo há muito tempo. Ele sabia que as arquibancadas estariam quase vazias e que os trabalhadores que lá comparecessem exigiam atos em lugar de palavras, cobriam as suas promessas deliberadamente não cumpridas, feitas ao tempo em que posava de candidato popular.

Por isso Getúlio fugiu para Volta Redonda e de lá deixou sua fama desmoralizada, como chefe dos vende-pátria e pai da carestia.

O que disse ele aos trabalhadores, no dia da maior festa operária?

Disse que todos têm direito de participar da riqueza comum, porque todos contribuem para ela com o seu esforço. Ora, qualquer trabalhador consciente sabe perfeitamente que nem todos contribuem para a riqueza comum. Qualquer trabalhador percebe que os tubarões da finança e da indústria, os latifundiários e toda essa gente que cerca Getúlio não contribuem em coisa alguma para a formação da riqueza social; que, pelo contrário, vivem e se enriquecem pela apropriação do trabalho alheio, pela exploração de milhões e milhões de homens.

Getúlio fala que todos têm direito a participar da riqueza comum. Com isso quer insinuar que trabalha para esse fim. Mas é o contrário o que acontece, pois Getúlio representa o regime em que a riqueza não pode ser comum, mas no qual ela está cada vez mais concentrada nas mãos de um punhado de grandes fazendeiros e grandes capitalistas, associados aos monopólios americanos. Para que seja possível a participação de todos na riqueza social é preciso que todos trabalhem, que não haja parasitas, que não exista a exploração do homem pelo homem, isto é, é preciso o socialismo. Mas para chegar até lá é preciso, primeiro, derubar esse governo e conquistar a democracia popular.

UM ROL DE MENTIRAS

Getúlio disse que a legislação trabalhista rasgou caminho para as reivindicações

proletárias. Ora, os trabalhadores sabem que também isso é uma desvalada mentira.

Eles sabem que nem sequer se falava em legislação trabalhista e já existiam as reivindicações proletárias. Sabem que Getúlio ainda não iniciara sua carreira de demagogo e, já em 1917, explodiam grandes greves em plena capital do país, sem falar nos outros movimentos que ocorreram antes e depois daquela data. Os operários conscientes sabem que a atual legislação trabalhista foi uma conquista da massa laboriosa e que Getúlio mutilou o quanto pôde essa legislação, incluindo nela muitas idéias e fórmulas de Mussolini.

Getúlio disse também que restabeleceu a liberdade sindical. Não é difícil provar que foi justamente Getúlio quem liquidou a liberdade sindical, com a antiga Lei de Segurança e com o golpe fascista de 10 de novembro. Os trabalhadores sabem que foi o governo de Getúlio que interveio recentemente no Sindicato dos têxteis pernambucanos, sabendo que foi ele que decretou a intervenção contra os aviários em greve, que foi o seu governo que mandou espancar os grevistas no Rio e em São Paulo.

Cada ponto do discurso de Getúlio é, portanto, mais uma mentira de Getúlio. Só o cinismo impenitente pode permitir que fale nos lucros fáceis, nos que especulam com o suor do povo, justamente o homem que tem como auxiliares diretos do governo alguns dos maiores tubarões que já dominaram a máquina do Estado.

Por isso mesmo não deve ser perdida nenhuma oportunidade de mostrar ao povo trabalhador e, principalmente aos operários e aos camponeses, o que representa Getúlio na realidade.

O VERDADEIRO 1.º DE MAIO DE GETULIO

O rufião envelhecido, quando grassava nos microfones as mentiras fermentadas de uisque que sorvera de véspera na embaixada norte-americana, já comemorara a seu modo o Primeiro de Maio fazendo aprovar pelo Senado, na noite de 30 de abril, o humilhante e inaceitável Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos que pretende transformar-nos em uma mísera colônia dos trustes ianques.

O Acórdão Militar faz vigorarem no Brasil as leis feitas

pelo Congresso americano, permite o saque desenfreado de nossas riquezas, permite a remessa de nossas forças para as guerras de conquista dos Estados Unidos e revoga, inclusive, a propícia legislação trabalhista de que tanto falou Getúlio em seu discurso de Volta Redonda, nos casos em que ela contrarie os interesses norte-americanos.

Quando falava, portanto, aos trabalhadores, Getúlio havia cometido a maior traição de quantas pôde fazer em sua longa carreira de político reacionário. Está definitivamente provado hoje em dia que Vargas é não apenas um político reacionário, um inimigo jurado dos trabalhadores, mas o principal agente dos monopólios norte-americanos em nossa terra, um traidor de sua própria pátria.

E foi por sentir a condenação ardente da classe operária e de todo o povo que Getúlio fugiu dos estádios cariocas para o recinto fechado de uma empresa controlada por sua polícia.

Mas nem suas mentiras, nem as ilusões que ainda po-

de causar sua propaganda em certos setores menos esclarecidos de nosso povo poderão cortar a linha de desenvolvimento que seguem os fatos políticos no Brasil de hoje.

A separação absoluta entre o governo e o povo, verificada em Primeiro de Maio, atesta que existem em nossa pátria as condições necessárias à formação de grande arremetida de massa, capaz de impor à camarilha dominante, formada pelos grandes capitalistas e latifundiários vendidos ao ouro americano, a vontade invencível do povo trabalhador, a vontade dos operários, dos camponeses, da pequena burguesia e mesmo dos setores da burguesia nacional que não estão dispostos a se submeter à política de fome, de opressão e de guerra executada pelo governo que aí está.

Se os trabalhadores, que tão brilhantes vitórias conquistaram no período transcorrido entre Primeiro de Maio de 1952 e 1.º de Maio de 1953, derem um novo impulso organizado à sua luta contra a carestia, pelas liberdades democráticas, a independência nacional e a paz, não há a menor dúvida de que poderão rapidamente arrastar para as reivindicações todos aqueles que estão cansados das mentiras de Getúlio mas não adquiriram uma clara consciência do que lhes compete fazer.



Assim leva a vida o tubarão Vargas, enquanto milhões de trabalhadores não têm sequer um pedaço de pão

A Carreira de Um Traidor OU Eduardo Gomes, Executor do "Acórdão"



Para realizar seus intentos de colonização do Brasil, os imperialistas norte-americanos são forçados, cada vez mais, a fazer com que se apresentem diretamente como seus serviçais, indivíduos que durante longos anos estiveram mancomunados com eles mas, que, por motivos táticos, não lhes convinha utilizar de público.

Um desses indivíduos é o brigadeiro Eduardo Gomes. Nos arroubos da mocidade, o tenente Eduardo Gomes marchou com os combatentes de Forte de Copacabana para a luta contra o governo de Epitácio Pessoa. Foi um dos poucos sobreviventes daquele 5 de julho de 1922.

O ter sido companheiro de Siqueira Campos deu-lhe, então um prestígio político e militar, principalmente depois que não formou com os oficiais pró-germânicos, após o golpe de 1937.

Nesse período, o coronel Eduardo Gomes soube acomodar-se hábilmente, evitando qualquer pronunciamento político que pudesse chocar o ditador Getúlio Vargas, do qual recebeu comissões importantes e pelo qual foi promovido várias vezes.

Mandado para o Norte, o brigadeiro Eduardo Gomes destacou-se, durante a guerra, pela subserviência que demonstrou para com os ocupantes das bases americanas. Foi então que se começou a destacar como um quadro da reação, como um dos homens que os americanos passaram a preparar para qualquer eventualidade.

O ascenso democrático que se realizou em nossa terra, em virtude das grandes vitórias políticas e militares da União Soviética durante a última guerra, pôs inquieto Departamento de Estado. Os êxitos políticos alcançados por nosso povo punham em xeque o regime estadonovista e indicavam que a

ditadura de Getúlio não se poderia manter por muito tempo. Data de então a aparição de Eduardo Gomes como centro de atividade. Preparando um golpe de Estado, os elementos reacionários coordenaram seu nome para candidato à presidência da República.

Getúlio, que via diante de si o perigo de ser apeado, aceitou, então, algumas reivindicações populares. Concedeu a anistia, aboliu a censura à imprensa, permitiu os comícios e convocou eleições.

As correntes democráticas reclamavam, porém, a convocação de uma Assembléia Constituinte. Berle, embaixador dos Estados Unidos, ordenou então o golpe de 29 de Outubro, visando sobretudo os comunistas e os democratas. A frente do golpe estavam três elementos: Góis Monteiro, Eurico Dutra e Eduardo Gomes.

Derrotado eleitoralmente em 1945, novamente derrotado em 1950, o brigadeiro Eduardo Gomes nem por isso deixou de ser uma das principais figuras do regime e o patrono da U.D.N., partido que no dizer de seu presidente, sr. Odilon Braga, tem sido

o maior apoio parlamentar da política externa de Getúlio, isto é, da política de entrega do Brasil aos monopólios norte-americanos.

Agora, Eduardo Gomes atingiu ao apice de sua carreira de traidor da pátria, de serviçal fardado dos generais ianques, assumindo a presidência da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, organismo de dominação de nossa pátria, encarregado de executar o Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos.

Ele se apresenta agora como um homem da confiança direta do embaixador dos Estados Unidos, como o penhor de que a política de vender o Brasil não é a política de Getúlio apenas, mas de toda a camarilha dominante. Como executor do acórdão funciona como um sub-quisling, logo abaixo de Getúlio que é o super-quisling e de Café que é vice-quisling.

Quando Getúlio estiver ainda mais desprestigiado não é impossível que os gringos ianques queiram impingir-nos o Brigadeiro em seu lugar.

Mas, para infelicidade desse traidor, não serão os trustes que decidirão do futuro governo de nosso país.

da batalha de Stalingrado, o Exército Soviético continuou as operações ofensivas. Começou a expulsar em massa do inimigo do país soviético.

Na Ordem do Dia de 23 de fevereiro de 1943, o camarada Stálin, caracterizando os êxitos de nossas tropas e o heroísmo dos homens soviéticos, assinalava: «Nosso povo guardará sempre a memória da heroica defesa de Sebastopol e Odessa, dos tenazes combates nas cercanias de Moscou e nas encostas do Cáucaso, na zona de Kiev e junto a Leningrado e da maior batalha da história das guerras, diante dos muros de Stalingrado. Nestas grandes batalhas, nossos valentes combatentes, chefes e colaboradores políticos cobriram de glória indelével as bandeiras de combate do Exército Vermelho e assentaram sólidas bases para a vitória sobre os exércitos fascistas alemães» (Obra citada, pág. 93).

Por sua vez o Chete Supremo prevenia os combatentes e oficiais do Exército Soviético contra o impulso envaldecido por estes êxitos O camarada Stálin exortava a recordar firmemente as indicações de grande Lênin: «Em primeiro lugar, não se deixar embriagar pela vitória e não se envaldecer; em segundo lugar, consolidar a vitória, e em terceiro, proceder à liquidação do inimigo». (Obra citada, pág. 98).

Como resultado da campanha ofensiva de inverno de 1942-1943, as tropas soviéticas não somente reduziram a nada os êxitos fáticos que o inimigo havia alcançado no verão de 1942, mas começaram a libertar as regiões ocupadas pelos alemães desde o começo da guerra.

O Estado Soviético deu grande valor aos destacados méritos do Chete Supremo das forças armadas da U. R. S. S., camarada Stálin. A 6 de março de 1943, o Presidium do Soviét Supremo da U. R. S. S., conceder a J. V. Stálin o título militar de Marechal da União Soviética.

Apesar das derrotas e das enormes perdas sofridas, no verão de 1943 os alemães emprenderam nova ofensiva. Stálin descobriu a tempo o plano do inimigo, que mediante um golpe assustado dos lados — do setor de Orel e de Biegorod — projetava cercar e aniquilar as tropas soviéticas concentradas no cotolelo do arco de Kurks, para depois levar avante a ofensiva sobre Moscou.

A 2 de julho Stálin preveniu o comando das tropas da direção

Começou a ofensiva decisiva das tropas soviéticas contra o antro da fera fascista. Em curto prazo o Exército Soviético libertou a Alemanha a capital da Polónia, Varsóvia, e penetrou no interior da Prússia Oriental. A ofensiva das tropas soviéticas se desenvolveu em toda a frente.

Em começo de fevereiro de 1945 celebrou-se na Criméia a Conferência dos dirigentes das três grandes potências aliadas: a U.R.S.S., os Estados e a Grã-Bretanha.

Na Conferência foram adotadas decisões militares e políticas importantíssimas, referentes às questões ligadas à derrota da Alemanha e sua situação no após-guerra, e também decisões sobre os problemas políticos e económicos fundamentais da Europa libertada. Foram combinados e plenajados com detalhe os prazos, as proporções e a coordenação dos novos e poderosos golpes, dos exércitos aliados contra a Alemanha do Leste, do Oeste, do Norte e do Sul. Nessa mesma Conferência foi combinada a entrada da U.R.S.S. na guerra contra o Japão.

O País Soviético comemorava o 27.º aniversário da existência do Exército Vermelho em meio de notáveis vitórias históricas. Em 40 dias de ofensiva em janeiro-fevereiro de 1945, as tropas soviéticas, mediante operações impetuosas e hábeis, arrojaram o inimigo para muito longe na direção do Oeste, libertaram totalmente a Polónia e parte considerável da Tchecoslováquia, apoderaram-se de grande parte da Prússia Oriental e da Silésia alemã. Sob a pressão das tropas soviéticas safu da guerra a Hungria, o último aliado da Alemanha na Europa.

Os êxitos da ofensiva de inverno do Exército Vermelho foram saudados pelo camarada Stálin em sua Ordem do Dia de 23 de fevereiro de 1945: «Agora já está próxima a vitória completa sobre os alemães» (J. Stálin, A Grande Guerra Pátria da União Soviética, pag. 189).

Stálin assinalava que o Exército Vermelho havia aprendido a derrotar e aniquilar o inimigo, segundo todas as regras da ciência militar moderna. «Os generais e oficiais do Exército Vermelho combinam magistralmente a manobra hábil e impetuosa com os golpes nos quais se emprega em massa um poderoso material de guerra.» (Obra citada, pag. 189).

Duqão de guerra para a frente e de viveres para o exército. Por iniciativa dos colcosianos e colcosianas da região de Tambov, desenvolveu-se no país um vasto movimento de colheita de melos para o Fundo do Exército Vermelho.

O ordem do Dia do Comissário do Povo da Defesa J. V. Stálin de 7 de novembro de 1942 encheu os corações dos homens soviéticos de uma confiança inquebrantável na vitória. «O inimigo já sentiu a força dos golpes do Exército Vermelho em Rostov, Moscou, Lkvin. Não está longe o dia em que o inimigo conhecerá a força dos novos golpes do Exército Vermelho. Também em nossas ruas haverá festa». (Obra citada, pág. 83).

Bilhante confirmação dessas palavras foi a derrota dos alemães em Stalingrado.

O sábio comandante com cujo nome nos lábios iam ao combate os soldados soviéticos, previu o desenrolar dos acontecimentos e subordinou o curso da gigantesca batalha à sua vontade de aço. Por ordem de Stálin, a 19 de novembro de 1942 as tropas soviéticas passaram à ofensiva no setor dos acessos de Stalingrado. O golpe foi assustado contra os flancos e depois contra a retaguarda das tropas alemãs. O plano estratégico dos golpes de flanco, elaborado e realizado sob a direção de Stálin, assegurou uma nova e brilhante vitória do Exército Vermelho. Em curto prazo as tropas soviéticas cercaram na zona de Stalingrado um exército alemão de mais de 300.000 homens, aniquilaram-no em parte, e em parte o aprisionaram.

Esta foi a mais notável vitória que registra a história das grandes guerras. A batalha de Stalingrado assinala a culminância da arte militar; foi um novo exemplo da perfeição da ciência militar soviética de vanguarda. A histórica vitória ali alcançada foi um brilhante triunfo da estratégia e da tática stalinistas, o triunfo do plano genial da sábia previsão do grande capitão, que descobriu com penetração os propósitos do inimigo e utilizou os pontos fracos de sua estratégia aventureira.

Segundo a avaliação de Stálin, «Stalingrado marcou o ocaso do exército fascista alemão. Como é sabido, depois da surra de Stalingrado, os alemães não mais puderam recompor-se» (Obra citada, pág. 119).

Depois de haver tomado em suas mãos a iniciativa nos dias

O camarada Stálin arrancou a máscara de «nacional-socialismo» dos hitleristas, desnascou-os perante o mundo inteiro, como o partido dos imperialistas mais rapaces, dos inimigos das liberdades democráticas, como o partido da reação medieval e dos programas ultra-reacionários como um partido de assassinos que perderam a fisionomia humana e desceram até o nível das feras.

«Estes homens — dizia o camarada Stálin —, privados de honra e de consciência, homens com moral de bestas, têm a desfaçatez de exortar ao aniquilamento da grande nação russa, nação de Plekanov e de Lenin, Belinski e Chernichevski, Puchkin e Tolstói, Glinka e Tchaikovski, Gorki e Chékov, Sechenov e Pavlov, Répin e Súrikov, Suvorov e Kutusov!» (Obra citada, pgs. 28-29).

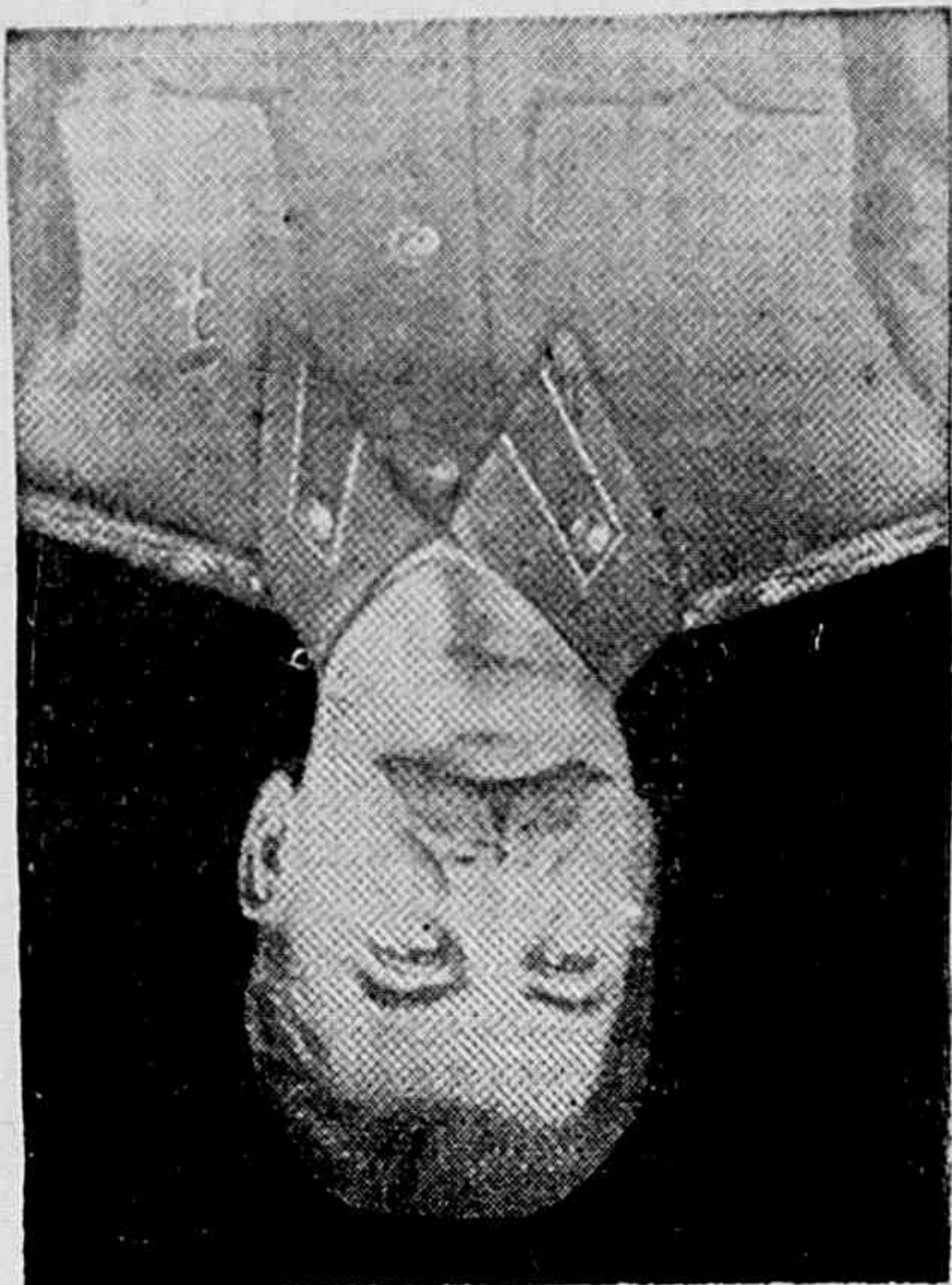
Stálin exortava todo o povo soviético a continuar reforçando o apoio ao exército e à marinha, a trabalhar com abnegação em ajuda da frente, e colocou a tarefa de exterminar os invasores fascistas alemães. «Os invasores alemães querem uma guerra de extermínio contra os povos da U.R.S.S. Pois bem, se os alemães querem uma guerra de extermínio a terão», dizia Stálin. (Obra citada, pág. 29).

As palavras do camarada Stálin «Nossa causa é justa, a vitória será nossa!» (Obra citada, pg. 36), exprimiam os pensamentos, as aspirações e a profundíssima certeza de todos os homens soviéticos da inevitabilidade do esmagamento do inimigo.

A 7 de novembro de 1941, na Praça Vermelha de Moscou, celebrou-se o desfile de tropas do Exército Vermelho. Da tribuna da Mausoléu de Lênin, o camarada Stálin falou da alta missão libertadora do Exército Vermelho e dirigiu-se com esta exortação aos combatentes soviéticos, aos guerrilheiros e guerrilheiras: «Que vos inspirem nesta guerra os viris figuras de nossos antepassados: Alexandre Nevski, Dimitri Donskói, Kúsmá Minin, Dimitri Pokarski, Alexandre Suvórov e Mikail Kutusov! Que flameje sobre vós a bandeira vitoriosa do grande Lênin!» (Obra citada, pg. 38).

O Exército Vermelho respondeu ao discurso de seu grande capitão fortalecendo sua ténpera e firmeza, reforçando os golpes contra o inimigo.

O camarada Stálin em pessoa dirigiu a defesa de Moscou,



orientou diretamente as operações do Exército Vermelho, animou soldados e chefes, atendeu à marcha da construção das fortificações nos acessos da capital soviética.

Em dezembro, por ordem do camarada Stálin, desfecharam-se de surpresa sobre as tropas alemãs os polpes de vários exércitos soviéticos, concentrados na zona de Moscou. Após tenazes combates as alemãs não resistiram a este impulso e começaram a retirar-se em desordem. As tropas soviéticas continuaram atrás das desfeitas agrupações alemãs e no transcurso do inverno avançaram em alguns sítios mais de 400 quilômetros para o Oeste. O plano hitlerista de cerco e tomada de Moscou havia caído por terra.

A derrota das tropas fascistas alemãs nas cercanias de Moscou foi um acontecimento militar decisivo do primeiro ano de guerra e a primeira grande derrota dos alemães na segunda guerra mundial. Esta derrota dissipou para sempre a lenda criada pelos hitleristas sobre a invencibilidade do exército alemão.

A derrota dos alemães nas proximidades de Moscou demonstrou a superioridade do plano estratégico de operações defensivas elaborado pelo camarada Stálin, diante da estratégia dos alemães.

Na Ordem do Dia n.º 55 de 23 de fevereiro de 1942, J. V. Stálin assinalava como balanço importantíssimo dos oito meses da guerra transcorridos a perda pelos alemães da vantagem militar obtida por eles como resultado da pérfida e inopinada agressão contra a U.R.S.S.

«O fator surpresa e subitaneidade, como reserva das forças fascistas alemãs, está esgotado por completo. Com isso foi liquidada a desigualdade criada pela repentina agressão fascista alemã. Agora a sorte da guerra não será decidida por um elemento provisório como o da surpresa, mas sim pelos fatores de ação permanentes: a solidez da retaguarda, o moral do exército, a quantidade e a qualidade das divisões, o armamento do exército, a capacidade de organização dos quadros de comando do mesmo.»

A tese stalinista sobre a significação dos fatores de ação permanente da guerra como fatores decisivos, era o desenvolvimento criador da ciência marxista-leninista sobre a guerra, sobre a ligação orgânica direta do curso e do desenlace da guerra com o grau e o caráter do desenvolvimento econômico e político do Estado e

Diel-Kursk sobre uma possível ofensiva dos alemães, que começaria a 3 e 6 de julho. E quando a 5 de julho as tropas fascistas alemãs, com grande aparato de forças, passaram à ofensiva na direção Orrel-Kursk e na de Bielgorod, chocaram-se com a resistência encarniçada das tropas soviéticas. O plano da ofensiva alemã veio abaixo: a defesa soviética mostrou-se mais forte.

Como resultado da célebre batalha de Kursk, as tropas soviéticas, além de haver extenuado e sangrado as divisões fascistas selecionadas, romperam a frente de seu adversário e passaram por sua vez à ofensiva.

A 24 de julho o Chefe Supremo, Marechal da União Soviética J. V. Stálin baixou uma Ordem do Dia por ocasião do término da ofensiva de julho dos alemães.

Na Ordem do Dia dizia que o plano alemão de ofensiva de verão havia fracassado completamente e havia sido «com isso desmascarada a lenda de que os alemães no verão sempre conseguem êxito na ofensiva, enquanto que as tropas soviéticas se vêm obrigadas a retrair» (Pravda, n.º 185, 25 de julho de 1943).

A ofensiva do Exército Soviético continuou com todo o êxito. A 5 de agosto de 1943 as tropas soviéticas se apoderaram das cidades de Orrel e Bielgorod. O Chefe Supremo, Marechal da União Soviética J. V. Stálin assinalou numa Ordem do Dia especial esta nova e destacada vitória das tropas soviéticas.

Na capital de nossa Pátria, Moscou, se dispararam salvas de artilharia em homenagem às valentes tropas que haviam libertado Orrel e Bielgorod. Desde então as salvas de Moscou passaram a ser entre nós uma tradição do tempo de guerra.

A derrota dos alemães em Kursk teve uma importância decisiva para o curso posterior da guerra. «Se a batalha de Stalingrado», diz Stálin — presagiu o ocaso do exército fascista alemão, a Grande Guerra Pátria da União Soviética, pag. 119, ed. esp.». Com a batalha de Kursk, com a liquidação da praça de armas dos alemães em Orrel, começou uma nova e poderosa ofensiva do Exército Soviético. Em novembro de 1943, haviam sido libertados temporariamente ocupado pelo inimigo.

Pela justa direção das operações do Exército Vermelho na Guerra Pátria contra os invasores alemães e pelos êxitos alcançados, o

no Kremlin a primeira medalha «Pela defesa de Moscou» ao Presidente do Comitê de Defesa do Estado, Chefe Supremo das forças Armadas, Marechal da União Soviética J. V. Stálin, condecorado pela direção da heróica defesa de Moscou e pela organização da derrota das tropas alemãs nas vizinhanças de Moscou.

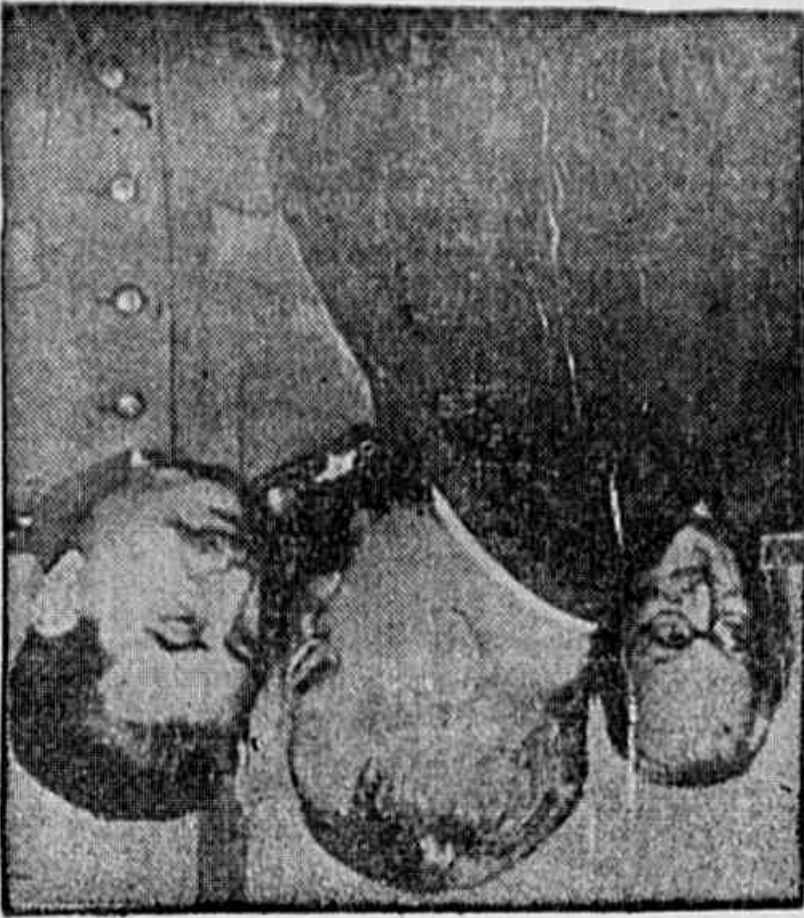
Pelos méritos excepcionais contraídos na organização e realização das operações ofensivas do Exército Vermelho, que conduziram a uma duríssima derrota o exército alemão e à mudança radical da situação na frente de luta contra os invasores fascistas alemães em favor do Exército Vermelho, o Presidium do Soviét Supremo da U.R.S.S. condecorou a 29 de julho de 1944 J. V. Stálin com a Ordem da Vitória.

A feliz realização do plano estratégico stalinista em 1944 teve grandes resultados militares e políticos. Sob os golpes das tropas soviéticas depuseram as armas os antigos aliados da Alemanha hitlerista: România, Finlândia e Bulgária e iniciaram a guerra contra ela. A Hungria se achava em vésperas de capitular. Desta maneira, foi conseguido no fundamental o isolamento da Alemanha. A situação militar criada significava que a União Soviética estava em condições de ocupar toda a Alemanha e realizar a libertação da França sem a ajuda dos aliados, com suas próprias forças. Esta circunstância obrigou o primeiro-ministro da Inglaterra, Churchill, que até então se havia oposto à abertura da segunda frente na Europa, a empreender a ofensiva na Europa Ocidental. Em junho de 1944 os aliados levaram a efeito um afortunado e importante desembarque no Norte da França.

A Alemanha hitlerista, como o previra Stálin, se viu espremida entre duas frentes.

No informe sobre o XXVII aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro pronunciado a 6 de novembro de 1944, Stálin exprimiu a segurança de que o Exército Vermelho, que havia cumprido seu dever patriótico de libertar o inimigo da Pátria, cumpriria até o fim sua missão histórica, acabaria com a fera fascista em seu próprio covil e içaria sobre Berlim a bandeira da Vitória.

Com enorme entusiasmo acolheu o povo soviético, na frente e na retaguarda, a avaliação stalinista do caminho percorrido pelo país e pelo exército e o apelo stalinista: Para Berlim!



O Conselho de Comissários do Povo da U. R. S. S. e o C. C. do P. C. (b) da U. R. S. S. aprovaram a decisão «Sobre as medidas urgentes de restauração da economia nas regiões libertadas da ocupação alemã.»

O povo soviético apoiava heróicamente as operações militares de suas forças armadas. O trabalho abnegado dos homens soviéticos na retaguarda, os méritos contraídos pela classe operária, pelos camponeses colcosianos e pela intelectualidade soviética durante os anos da guerra foram caracterizados como uma façanha sem precedente na defesa da Pátria.

No curso da Guerra Pátria se temperou mais e mais a amizade dos povos da União Soviética. Todos os povos do País Soviético se levantaram unânimes em defesa de sua Pátria.

Em princípio de 1944, por iniciativa de Stálin, o Soviét Supremo da U. R. S. S. tomou a resolução de transformar o Comissariado do Povo da Defesa e o Comissariado do Povo de Negócios Estrangeiros de Comissariados de toda a União em Comissariados federal-republicanos e de formar nas Repúblicas federadas Comissariados do Povo da Defesa e de Negócios Estrangeiros.

A adoção destas decisões constituiu um novo passo para a solução do problema nacional da U. R. S. S., no posterior desenvolvimento da política nacional marxista-leninista, que assegura o feliz desenvolvimento da organização estatal nacional de todos os povos da União Soviética.

O ano de 1944 foi um ano de vitórias decisivas do Exército Soviético. No cumprimento do plano estratégico genial do camarada Stálin, o Exército Soviético assestou dez poderosos golpes consecutivos nas tropas alemãs. Stálin fez uma caracterização detalhada desses golpes em seu informe sobre o XXVII aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Como resultado desses golpes, todas as regiões da União Soviética temporariamente ocupadas pelos invasores fascistas alemães foram libertadas; o inimigo foi expulso completamente do território soviético. As operações militares do Exército Soviético foram transferidas ao território da Alemanha e seus cúmplices.

A 20 de junho de 1944, o Presidente do Comitê Executivo do Soviét de deputados dos trabalhadores da cidade de Moscou, em nome do Presidium do Soviét Supremo da U. R. S. S., entregou

milhões de operários e colcosianos aumentaram ainda mais a produção e maior entusiasmo o discurso de seu chefe e grande capitão. O Exército Vermelho e todo o povo soviético acolheram com entusiasmo e insistência.

O camarada Stálin colocou diante do Exército Vermelho a tarefa de não permitir ao inimigo avançar, de preparar o golpe contra a cidade, pag. 71).

Este impulso. E não somente resistir a ele mas vencê-lo. (Obra citada, pag. 71). E unicamente nosso Exército Vermelho são capazes de resistir a fascistas alemães e seus aliados. Somente nosso País Soviético pôde resistir a um tal impulso dos bandos ferozes de salteadores. Credo que nenhum outro país e nenhum outro exército teria pelo seu exército, dita o camarada Stálin:

tudo o maior orgulho pelo País Soviético, pelo povo soviético e dificuldades na resistência à invasão das hordas hitleristas. Senão, camarada Stálin, puderam superar as gigantescas dificuldades do Exército Vermelho, do dirigente do Partido e do Exército abnegado das patrôas soviéticas na retaguarda e a guerra mundial.

Somente o heroísmo do Exército Soviético e dos guerrilheiros, 240 divisões, isto é, quase duas vezes mais do que na primeira combatendo numa só frente, lançou a frente soviético alemã até e de tropas aliadas às alemãs. Na presente guerra, a Alemanha, em duas frentes, opôs à frente russa no total 127 divisões alemãs, a Alemanha, combatendo terísticas: na primeira guerra mundial, a Alemanha, combatendo ponto de vista histórico, Stálin mostrou as seguintes cifras características: o problema da segunda frente na Europa do Examinando o problema da segunda frente na direção sudoeste, criar um grande predomínio de forças na direção sudoeste.

de uma segunda frente na Europa havia permitido aos alemães conseguidos êxitos táticos, Stálin assinalava que a ausência Explicando o fato de que no verão de 1942, os alemães haviam Guerra Pátria da União Soviética, pag. 63, ed. esp.)

reorganização da indústria militar e civil para as re- lizado um trabalho muito difícil e muito complexo de organiza- ção, ligado à reorganização e melhoria radical do trabalho das empresas que aprovisionam a frente. «É necessá- rio reconhecer — diz Stálin — que nunca o nosso país teve uma reorganização tão bem organizada.» (J. Stálin, A Grande

sua ideologia, com o grau de preparação e maturidade de seus quadros»

A tese stalinista sobre o papel dos fatores de ação permanente da guerra tem uma enorme significação tórica e prática. O ter em conta e utilizar com justeza esses fatores permite no trabalho militar e de organização concentrar a atenção principal na resolução das tarefas fundamentais de que depende a sorte da guerra.

Regular importância atribui o camarada Stálin ao domínio da arte militar pelos chefes e soldados. Na Ordem do Dia de 1.º de maio de 1942 Stálin assinalava que o Exército Vermelho contava com todo o necessário para esmagar o inimigo e expulsá-lo do País Soviético. «Somente uma coisa falta: saber utilizar totalmente contra o inimigo o material de primeira classe que nossa Pátria lhe facilita. Por isso, a tarefa do Exército Vermelho, de seus combatentes, metralhadores, artilheiros, atiradores de morteiro, tanquistas, aviadores e cavaleiros consiste em estudar a arte militar, estudar com perseverança, conhecer perfeitamente seu armamento, converter-se em mestres de sua arma e, deste modo, aprender a bater o inimigo certamente. Somente assim é possível dominar a arte de vencer o inimigo.» (Obra citada, pag. 57).

E nos tempos seguintes, no curso de toda a guerra, Stálin assinalava continuamente a necessidade de aperfeiçoar a aprendizagem militar, elevar os conhecimentos e a capacidade de utilizar o material de guerra e dominar a arte de conduzir as tropas, a arte de vencer o inimigo segundo todas as regras da ciência militar moderna. Cumprindo estas indicações, o Exército Vermelho foi dominando em tenaz e insistente esforço a ciência militar e aprendeu a arte de bater o inimigo de modo certo.

No verão de 1942, aproveitando-se da ausência de uma segunda frente na Europa, os alemães trasladaram todas as suas reservas, inclusive as tropas de seus aliados, para a frente soviético-alemã e concentraram na direção sudoeste uma grande quantidade de tropas.

Stálin descobriu a tempo o plano do comando alemão, que procurava criar a impressão de que o objetivo principal, e não secundário, das tropas alemãs, era a ocupação das zonas petrolíferas de Grozni e Baku. Na realidade, o objetivo principal, assinalava Stálin, consistia em envolver Moscou pelo Leste, deixá-la



isolada da retaguarda do Volga e dos Urais e depois lançar-se sobre Moscou e terminar assim a guerra no ano de 1942.

Por ordem do Chefe Supremo, camarada Stálin, as tropas soviéticas fecharam ao inimigo os caminhos que conduziam ao Norte, à retaguarda de Moscou. Em meados de julho de 1942 os alemães iniciaram a ofensiva sobre Stalingrado, com o propósito de apoderar-se da cidade sobre a marcha, romper a frente soviética e continuar o avanço ao longo do Volga para o Norte, envolvendo Moscou. Stálin ordenou defender Stalingrado a todo o custo. A 5 de outubro de 1942, Stálin deu ao chefe da frente de Stalingrado a seguinte ordem: «Exijo que você tome todas as medidas para a defesa de Stalingrado. Stalingrado não deve ser entregue ao adversário.» (Pravda, n.º 28, de 2 de fevereiro de 1944).

Começou a batalha de Stalingrado, a maior batalha que a história das guerras registra. O Exército Vermelho defendeu heroicamente a célebre cidade do Volga que tem o nome de Stálin. As tradições militares da epopéia de Tsaritsin do ano de 1918 renasceram nas batalhas de Stalingrado. No apogeu da luta os soldados, oficiais e colaboradores políticos da frente de Stalingrado se dirigiram em carta ao camarada Stálin. Cada palavra soava como um juramento: «Diante de nossas bandeiras de combate, diante de todo o País Soviético juramos que não empanaremos a glória das armas russas, que nos bateremos até o último instante. Sob a Tua direção venceram nossos pais na batalha de Tsaritsin, sob a Tua direção venceremos também nós a grande batalha de Stalingrado!» (Pravda, n.º 310, de 6 de novembro de 1942).

Nos dias em que o inimigo abria passagem para Stalingrado e para as montanhas do Cáucaso, o País Soviético comemorava o XXV aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. A 6 de novembro de 1942 Stálin interveio na sessão solene do Soviét de Moscou.

Stálin caracterizou detalhadamente a atividade dos órgãos soviéticos de Estado e do Partido no ano transcorrido, no terreno da construção pacífica e da organização de uma forte retaguarda para a frente e no terreno das operações defensivas e ofensivas do Exército Vermelho.

Caracterizando o trabalho de organização na retaguarda, Stá-

Como resultado da sábia política exterior stalinista vieram por terra as intenções do inimigo de renovar a discórdia entre as grandes potências que se haviam unido para o esmagamento da Alemanha hitlerista. Na Conferência dos dirigentes das três potências

«Os resultados e as consequências das vitórias do Exército Vermelho chegaram muito além da frente soviético-alemã, mudaram todo o curso posterior da guerra mundial e adquiriram importância internacional.» (Obra citada, p. 128).

«O ano de 1943 foi um ano de viragem na Guerra Patria.» (Obra citada, p. 115).

«O ano de 1943 foi um ano de viragem na Guerra Patria.» (Obra citada, p. 115).

«O ano de 1943 foi um ano de viragem na Guerra Patria.» (Obra citada, p. 115).

«O ano de 1943 foi um ano de viragem na Guerra Patria.» (Obra citada, p. 115).

«O ano de 1943 foi um ano de viragem na Guerra Patria.» (Obra citada, p. 115).

Presidium do Soviét Supremo da U. R. S. S. condecorou a 6 de novembro de 1943 o camarada Stálin com a Ordem de Suvorov de primeira classe.

Na ofensiva de 1943 os guerrilheiros prestaram uma grande ajuda às tropas soviéticas. Os apelos do camarada Stálin de aticar o fogo do movimento guerrilheiro de todo o povo da retaguarda do inimigo, destruí os seus serviços de retaguarda, exterminar os caudates e oficiais fascistas. Stálin orientava o movimento guerrilheiro; em Moscou convocava reuniões com chefes dos destacamentos de guerrilheiros.

Em seu informe pronunciado na sessão solene do Soviét de Moscou a 6 de novembro de 1943, o camarada Stálin traçou o grandioso quadro das históricas vitórias alcançadas pelo povo soviético e seu exército.

O ano de 1943 foi também um ano de viragem no trabalho da retaguarda soviética. A economia de guerra criada pelos esforços de nosso povo, bem organizada e que aumentava rapidamente, assegurou uma superioridade quantitativa e qualitativa do material de guerra do Exército Soviético sobre o do exército alemão. Seguindo as indicações diretas de Stálin, os construtores soviéticos realizaram um trabalho fecundo de aperfeiçoamento das armas e de criação de novos tipos de armamento.

Nos anos da guerra o País Soviético combatia e construía. Nem um só dia cessou o trabalho de construção de novas empresas industriais, minas, altos-fornos, centrais elétricas. Novas empresas metalúrgicas foram postas em funcionamento em Tcheliabinsk, no Uzbequistão, novos altos-fornos em Taguil, Magnitogorsk, etc. Em Stalinsk começou a funcionar uma nova fábrica de alumínio. Foram postos em funcionamento as centrais elétricas de Tcheliabinsk, de Stalinsk e muitas outras.

O camarada Stálin inspirava as coletividades das empresas a alcançar ritmos mais elevados na construção e assimilar as novas empresas industriais. Em dezembro de 1943 Stálin felicitou os construtores e metalúrgicos do combinado de Magnitogorsk, que num prazo incrivelmente curto e nas difíceis condições do tempo de guerra haviam construído um dos maiores altos-fornos. Po-aquela mesma época o camarada Stálin assinalou os êxitos dos trabalhadores da fábrica metalúrgica de Enakievo. Em sua felicitação aos trabalhadores de Enakievo, Stálin acentuava que seu trabalho era demonstração de que «a difícil tarefa de restaurar a indústria e liquidar as consequências da bárbara dominação alemã pode ser resolvida em curto prazo». Pravda, n. 321, de 31 de dezembro de 1943).

O camarada Stálin prestou extraordinária atenção ao trabalho de restauração da economia nacional nas regiões libertadas pelo Exército Soviético. Por iniciativa de Stálin em agosto de 1943,